



PORTUGAIS - FRANÇAIS

Portuscale



Num. 36 • Ano / An 2•15 de Agosto / 15 août 2015

• jornal comunitário em Português - journal communautaire en Français - jornal comunitário em Português - journal communautaire en Français - jornal comunitário em Português •

L'ex-maire Tremblay savait, selon l'UPAC

Il aurait été au fait du financement illégal de son parti
Invité à témoigner devant la commission Charbonneau après sa démission, l'ex-maire de Montréal avait assuré qu'il n'était au courant d'aucune malversation.

Agence QMI



Une fois de plus, l'intégrité de Gérald Tremblay est mise à rude épreuve. L'ancien maire de Montréal était au fait de la corruption au sein de son parti, a rapporté Radio-Canada, citant un document de l'Unité permanente anticorruption (UPAC), vendredi.

Celui qui a toujours plaidé l'innocence n'aurait pas reçu la visite des enquêteurs de l'UPAC que pour l'histoire des compteurs d'eau. L'ex-maire pourrait à nouveau avoir des comptes à rendre concernant un possible système de corruption installé dans l'administration qu'il a pilotée de 2002 à 2012.

Dans la dénonciation émise afin d'obtenir un mandat de perquisition au domicile de M. Tremblay, l'UPAC se base sur une dizaine de témoignages entendus entre 2011 et le 21 juillet dernier.

Le document soutient que l'ancien maire était bien au fait de l'existence du système de financement illégal de son parti et que «la réélection du parti Union Montréal à la tête de la Ville de Montréal était nécessaire à la survie du système *collusionnaire*», selon ce que rapporte la société d'État.

Perquisition

Le 29 juillet, les enquêteurs de l'UPAC se sont présentés à la résidence de Gérald Tremblay à Outremont, puis à son chalet à Saint-Hippolyte, dans les Laurentides. Des boîtes de documents ont alors été saisies.

L'opération a été menée à terme grâce au projet FRONDE. Cette enquête visait le financement d'Union Montréal par des compagnies québécoises, l'attribution planifiée des contrats et le trucage des appels d'offres.

L'utilisation du système afin d'obtenir du financement pour les championnats de la Fédération internationale de natation FINA et l'attribution du contrat des compteurs d'eau faisaient aussi partie de l'enquête.

Démission

En 2012, Gérald Tremblay avait pris quelques jours de repos puis démissionné dans la foulée du témoignage d'un ancien organisateur politique affirmant à la commission Charbonneau que l'ex-maire savait que des entrepreneurs et des firmes de génie-conseil finançaient son parti avec de gros montants remis en argent comptant. (...)



Nós Cidadãos.

Considero o aparecimento deste (novo) partido novo como um possível bálsamo no meio político de Portugal. A desagradável imagem que se instalou na população devido à corrupção sem castigo e às mentiras dos elementos do Governo quase sem distinção, forçam o comum dos mortais a não acreditar nos discursos e nas boas intenções levadas por eles à praça.

São muitos anos de mentiras e de roubos descarados. De sacrifícios insustentáveis. Da degradação da Justiça e da solidariedade. Da ruína do país e da entrega dos valores patrimoniais a mãos estrangeiras. A troca de sorrisos e promessas de posições na UE após a perda de eleições nacionais, transformaram o país numa fábrica de especialistas sem ocupação, destinados a enriquecerem países receptores de emigração. Sangrando a nação. A falta de honestidade política atingiu graus elevadíssimos que já esgotaram todos os adjetivos superlativos da boa gramática portuguesa. Da verdadeira.

Por isso, **Nós Cidadãos**, poderá ser num futuro próximo, o tal bálsamo com que abro este apontamento de apresentação, justificando todo o apoio que eventualmente poderei oferecer à organização. Junto um pequeno texto do correspondente por intermédio de quem tomei conhecimento da existência do partido.

Creio ser um esforço digno de mérito.

RM

Caras Amigas e Amigos

Realizado o 1º Congresso do "NÓS,CIDADÃOS", desejo agradecer toda a colaboração e apoio que, com o meu conhecimento, ou sem ele, foi dado no decorrer do longo e difícil processo que terminou a 25 deste mês a sua primeira fase.

Tudo foi feito, no aspecto financeiro, à custa da contribuição de cada um dos militantes do N.C. ,sendo este facto bem demonstrativo do sentimento de CIDADANIA e BEM COMUM que a todos anima.

Somos, como sempre afirmamos, um PARTIDO NOVO, que não meramente um novo partido, que frontalmente se assume contra um regime de mais de quarenta anos, vivendo sob a capa de uma democracia, que nada mais é do que uma partidocracia, quando não e frequentemente, uma ditadura partidária.

E uma MUDANÇA de regime, além de imperiosa é possível e por via democrática, muito embora utilizando uma arma letal: O VOTO!

Aos que se identificam com a nossa posição política, um pedido: ajudem-nos a dar voz a quem a não tem, ajudem-nos a alterar a legislação eleitoral, implantando um sistema de voto nominal, ajudem-nos a combater e corrupção. De um modo mais simples: ajudem-nos a ajudar Portugal!

Em nome do N.C. e de mim próprio, os melhores e sorridentes cumprimentos. É que somos, o Partido do Sorriso...

Campos de Barros

Visitez



Le
Portugal

Episódios de cores diferentes

O mês de Agosto conta-nos episódios gloriosos e um mais cinzento da nobre História Portuguesa.

À partida e por ordem cronológica temos uma boa notícia que todos os anos, não me canso de sublinhar. É uma data feitiça esta de 14 de Agosto de 1385. Dia de respeito e de memória, orgulho da raça portuguesa. Recordemos. Dona Beatriz, princesa portuguesa filha de D. Fernando e portanto herdeira do trono, estava casada com João de Castela. A nobreza portuguesa dividia-se entre os apoiantes e os opositoristas da sua coroação, por ser o mesmo que entregar o país às mãos castelhanas. É evidente que no aspecto legal — e dado que nenhuma cláusula do acto de casamento impedia — a herdeira seria D. Beatriz.

Porém o povo e parte da nobreza assim que o Clero, não viam a situação do mesmo modo e daí, terem apoiado D. João, Mestre de Aviz, bastardo na linhagem de D. Pedro, nomeado regente do reino pelo povo, que chamando a si D.Nuno Álvares Pereira, jovem de 24 anos e valente guerreiro, escorraçou em várias batalhas as pretensões castelhanas, até o momento da peleja em Aljubarrota. Desembarcado próximo de Santarém, o rei castelhano consciente do seu numeroso exército, estava confiante na vitória. Durante dias as forças dos dois Estados seguiram-se à distância, na procura de um local que lhes conviesse para a batalha.

Isso aconteceu nas vésperas do 14 de Agosto quando, o Mestre de Aviz e D. Nuno Álvares Pereira, encontraram o vasto espaço, entre dois riachos, onde lhes foi possível com ardilosas manobras, cavar fossas, instalar armadilhas e montar uma estratégia vencedora. A batalha foi feroz. O número dos beligerantes era nitidamente superior do lado castelhano, com a juda de experientes cavaleiros franceses, mas, as tropas portuguesas, apoiadas por cinco mil arceiros ingleses, ao fim de porfiados esforços e alguns suores frios, conseguiram pôr as armas inimigas em derrocada. João de Castela fugiu, abandonando tropas e cavaleiros, perseguido pelos portugueses, que na passagem eliminaram muitos soldados castelhanos que fugiam, sendo outros, abatidos pelo povo, não esquecendo o episódio de Brites de Almeida, padeira de Aljubarrota, que a ela só, parece ter eliminado 7 castelhanos refugiados no seu forno de pão. Estávamos no dia 14 de Agosto de 1385. Em Aljubarrota. Portugal, continuava livre e independente.

Todos os anos, nesta simpática vila próximo do Monumento da Batalha, é comemorada esta data num festivo ambiente medieval.

Foi também em Agosto, mas alguns anos mais tarde, que os portugueses conquistaram Ceuta aos mouros. O exército português, sob comando do rei D. João I — confirmado nas Cortes de Coimbra — e D. Nuno Álvares Pereira, nomeado Condestável do Reino, assim que três filhos do rei feitos cavaleiros para esta odisseia, cercou e conquistou Ceuta no dia 22 de Agosto de 1415, garantindo a protecção da navegação no Mediterrâneo, até então exposta a perigosos ataques árabes.

Com esta conquista, Portugal encontrava a chave das portas do mar, abrindo os oceanos à navegação portuguesa e à nossa maior epopeia: as **Descobertas marítimas**.

Encontrará o amigo leitor descrição mais vasta na página quinze deste vosso jornal.

Cerca de dois séculos após a estrondosa vitória de Aljubarrota, a 4 de Agosto de 1580, foram as nossas armas destroçadas devido à teimosia e infantilidade do rei português D. Sebastião que, desprezando os conselhos e alertas dos seus generais, avançou irresponsavelmente contra numerosas forças marroquinas, caindo em Alcácer Quibir e, arrastando consigo, a flor da nossa juventude e os três mil mercenários alemães que o acompanhavam. Campanha inútil e temerária, a troco apenas de heróicos sonhos de feitos de armas. Cercado pelos exércitos de três reis árabes que escondidos nas dunas o fizeram cair numa armadilha, D. Sebastião terá lutado heroicamente mas impossibilitado de ultrapassar o número e experiência das forças adversas.

Tendo deixando os cofres do Estado quase vazios com a preparação das tropas, o jovem rei deixou também o trono vago por não haver

herdeiro. Vários candidatos foram afastados tendo ficado como regente o tio do monarca, o Cardeal D. Henrique, que afastou sem qualquer lógica o principal pretendente ao trono, D. António Prior do Crato.

Ao fazê-lo, abriu largas as portas do reino para a entrada de Filipe II de Espanha, filho de Carlos V de Habsburgo e de Isabel de Portugal, filha de D. Manuel I, sendo assim o pretendente mais próximo por ser neto de rei português.

Nasceu aqui a página negra da História portuguesa, com 60 longos e destruidores anos de ocupação espanhola, terminada graças ao esforço e temeridade de 40 fidalgos portugueses que a 1 de Dezembro de 1640, expulsaram os regentes espanhóis e bateram de seguida as hostes inimigas, até a assinatura do tratado que pôs fim à contenda e confirmou a independência de Portugal.

Chamado a dirigir o país, D. João, Duque de Bragança foi eleito rei de Portugal com o nome de D. João IV. (Ver texto de Manuel do Nascimento na página seguinte).

Um exemplo para os submissos e bajuladores servidores da tutela que nos foi imposta nos últimos anos.

Terá acabado a Pátria? Teimo em confiar que não.

Portugal há-de continuar português!

Raul Mesquita



A vida é o que acontece enquanto estás ocupado a fazer outros planos.

ABC-portuscale. Bi-mensuel. Crédits:

Recueil d'auteurs identifiés et de / colectânea de autores identificados e de: Aicep; Santé Canada; Histoire du Canada; Internet et quelques inconnus. Compilation, coordination et montage: Raul Mesquita. www.abcportuscale.com / info@abcportuscale.com

1^{er} décembre 1640 - Restauration Indépendance du Portugal, après 60 ans d'occupation espagnole

Fin de l'occupation du Portugal par les rois d'Espagne. Les deux Couronnes, celles de l'Espagne et du Portugal, officiellement autonomes, étaient sur la même tête de 1580-1640. Soixante années d'occupation par la couronne espagnole, que le cardinal D. Henrique du Portugal lui a mise sous un plateau, mais le 1^{er} décembre 1640, l'aristocratie portugaise, les conjurés aidés par des militaires et le peuple (la volonté et la soif de leur liberté et indépendance), provoquent une révolution et proclament João, duc de Bragança, roi du Portugal.



Cette guerre de Restauration, elle est causée par la volonté des Portugais de se débarrasser de la domination des Habsbourgs d'Espagne en détrônant Philippe IV d'Espagne, roi du Portugal sous le nom de Philippe III de Portugal, au profit d'un roi portugais de la maison de Bragance, D. João IV de Portugal.

La révolte d'Évora, en 1637, capitale de l'Alentejo, qui avait provoqué une charge fiscale supplémentaire pour les Portugais, (imposé par le comte d'Olivares, ministre du roi d'Espagne), constitua un signal d'alarme pour Philippe III du Portugal (IV d'Espagne). Cette révolte se répandit comme une traînée de poudre dans tout le pays du Sud au nord.

Les Portugais refusant d'aller combattre en Catalogne (1) où les Castillans (1) étaient aux prises avec une rébellion militaire avec l'appui français. L'aristocratie portugaise prit le parti de combattre chez elle, pour ses propres intérêts. Il profitait ainsi de la guerre de Trente Ans (guerre qui déchire l'Europe entre 1618-1648), et qui mobilisait la plupart des militaires espagnols au royaume d'Aragon, en Catalogne, dans le Roussillon (au nord de Corbières, à l'Est par la Méditerranée), et aux Pays-Bas catholiques. Les Portugais se soulèvent en profitant de l'affaiblissement des Habsbourg, occupés à combattre sur le Rhin et sur les Pyrénées pendant la guerre de Trente Ans. Ce soulèvement bénéficie du soutien du cardinal français Richelieu, heureux de jouer un bon tour à la maison des Habsbourg qui gouverne l'Espagne. De fait, le consul de France à Lisbonne, Saint-Pé, gardait le contact avec tous les opposants à l'Espagne et Richelieu avait même dépêché un franciscain vers les rebelles portugais d'Évora.

En 1638, lors de la convocation à Madrid des personnalités les plus influentes du Portugal, par le comte d'Olivares, ce fut une déception, car seul un petit nombre répondit à cette invitation. Le duc de Bragance D. João, craignant de devenir l'otage de la cour, avait trouvé un nouveau prétexte pour s'esquiver. Il se gardait bien d'accepter quelque charge que ce fut et alléguait toujours une bonne excuse pour se dérober, comme par exemple lorsque Philippe III (IV d'Espagne) lui avait offert la vice-royauté de Milan pour l'éloigner du Portugal. Le comte d'Olivares se plaignait que les soldats portugais étaient d'une indiscipline notoire et que le pays se montrait en permanence réfractaire aux demandes d'aide financière du roi Philippe III du Portugal,



IV d'Espagne. Le comte d'Olivares demande que les Portugais doivent apporter leur soutien contre les Catalans, s'ils voulaient à leur tour l'aide des autres pour reprendre le Brésil aux Hollandais, (dès la fin du XVI^e siècle les hollandais s'intéressent aux colonies de l'Empire portugais en Afrique mais aussi au Brésil, surtout entre 1631/1637, la guerre entre le Portugal et la Hollande au Pernambuco). Comme les Espagnols tentent de reprendre pied au Portugal, celui-ci reçoit l'appui intéressé des Hollandais et des Anglais, qui leur enlèvent le monopole du fructueux commerce des épices. En 1639, le roi Philippe II (IV d'Espagne), recrute de force plus de 6 000 soldats et plus de 1 500 cavaliers portugais pour combattre dans diverses révoltes dans la péninsule Ibérique, et notamment en Catalogne.



Le comte d'Olivares était loin d'imaginer que le Portugal se séparait aussi facilement de la couronne d'Espagne, en 1640.



On imagine l'incrédulité du comte d'Olivares lorsqu'il apprit que tout le Portugal avait fait sécession et acclamé le duc de Bragance comme son roi. Le 1^{er} décembre 1640, les conjurés et leurs partisans, à peine 120 personnes (selon des récits), réalisèrent leur coup de main sur le Paço da Ribeira (Terreiro do Paço), aujourd'hui praça do Comércio où ils tuent Miguel de Vasconcelos, dont ils le jettent le corps en pâture au peuple qui se rassemblait à l'initiative de l'Église sur le Terreiro do Paço. La duchesse de Mântua (amante de Miguel de Vasconcelos), sous la contrainte, elle donne ordre aux garnisons castillanes qui se trouvaient au château São Jorge et de ses forteresses du Tage de se rendre sans résistance. Depuis le balcon du palais Paço da Ribeira,

D. Miguel de Almeida, (4^{ème}) comte d'Abrantes, proclame la liberté de la patrie et de la royauté de D. João IV. En attendant l'arrivée de ce dernier à Lisbonne, les conjurés désignent un collège de trois gouverneurs du royaume. L'annonce est faite à toutes les villes et à toutes les provinces qui ont adhéré à la Révolution de l'Indépendance. Le 1^{er} décembre 1640 affirme ainsi la souveraineté portugaise. L'indépendance du Portugal mit fin à 60 ans d'occupation espagnole, qui, pour certains historiens : *60 ans d'union avec l'Espagne dans l'Union ibérique*.

(1) Dans l'actuelle Espagne

Photos :

- 2015-20-A-01 à Restauration de l'indépendance du Portugal (1640)
- 2015-20-A-02 à Monument des Restauradores à Lisbonne (Restauration de 1640)
- 2015-20-A-03 à Les conjurés (mort de Miguel de Vasconcelos)
- 2015-20-A-04 à D. Antão d'Almada (Photo B.N. de Paris)

Manuel do Nascimento / Paris



MANIFESTO DO NÓS, CIDADÃOS!

Portugal tem 20 partidos políticos registados. Dois dos grandes partidos alternam no governo há quase quarenta anos, embora cada vez com menos votantes e com índices de abstenção eleitoral que rondam os 50%. Entretanto, a sociedade civil robusteceu-se e ganhou voz em numerosas organizações e movimentos que, desde 15 de Setembro de 2012, têm vindo a exigir alternativas. Chegou a hora de um partido da cidadania dar voz a quem não se revê em partidos e governos que acumulam défices, sem terem limites legais. Défice Orçamental. Défice de Emprego. Défice de Justiça. Défice de Natalidade. Défice de Solidariedade. Défice de Transparência. Défice de Estratégia. Défice de Futuro. Não queremos estes défices, nunca mais. Para reerguer Portugal em nome do bem comum, esse partido surgiu. Somos **Nós, cidadãos!**

Nós, cidadãos! Preencherá o espaço político onde se situa a maioria dos Portugueses revoltados com os crescentes constrangimentos financeiros e económicos. Estamos com todos quantos acreditam na Democracia, sobretudo com os que actualmente se abstêm mas que agora se revêem nas nossas propostas. Estamos com todos os que, em vez de sujeitar a democracia a pressões populistas e demagógicas, querem reformar o sistema político. Estamos com todos os atingidos pela crise que não sentem solidariedade em seu favor, em especial os idosos, os marginalizados, os deficientes. Estamos com os silenciosos que, por motivos culturais ou por pertença social, sofrem em silêncio o seu desemprego, a sua solidão, ou a sua doença. Estamos com os jovens, mais preparados que as gerações anteriores mas mais vulneráveis às escolhas de uma sociedade consumista e sem horizonte. Estamos com os pensionistas, despojados de direitos prometidos. Estamos, sobretudo, com a classe média que, com empregos privados ou públicos, contribui com o seu trabalho e dedicação para construir este grande e histórico país de vocação europeia e lusófona, em que todos acreditamos e que queremos ver forte, justo e livre.

Face à exigência de ética e transparência na vida pública, **Nós, cidadãos!** Combaterá pela criação de uma lei que responsabilize criminalmente os governantes e detentores de cargos públicos por actos de gestão danosa ou negligência grosseira, em prejuízo do País. Pugnaremos pela criação em cada ministério de um departamento de contabilidade com a função de gerir o orçamento atribuído, e a criminalização e respectiva responsabilidade cível dos responsáveis políticos que excedam o orçamento atribuído e ainda a criminalização de autarcas que aprovelem Orçamentos Autárquicos que não sejam cumpridos em 80% do ano a que respeitam, ou que excedam o respectivo orçamento.

4

O imperativo de abrir a vida política à sociedade deve começar, para **Nós, cidadãos!** pelos órgãos fiscalizadores do Estado, como seja a Assembleia da República. A eleição parcialmente nominal dos deputados à Assembleia da República aumentará o interesse e a participação dos cidadãos, fazendo diminuir a abstenção e aproximando os eleitores dos eleitos. Um sistema eleitoral que incorpore listas uninominais, diminui o peso das guerrilhas dos partidos. A Assembleia voltará a ser o centro de debate político por excelência, desde que sejam aumentadas as vias de democracia participativa.

Face à necessidade de reforma política, **Nós, cidadãos!** Pugnaremos pela incompatibilidade entre função parlamentar e cargos privados; por tornar transparentes as nomeações para cargos estatais; para que o sistema judicial preste contas anuais da actividade ao Parlamento; para aumentar o grau de independência das autoridades reguladoras; para requerer orçamentos multianuais ao governo; para incentivar os partidos a apresentarem linhas orçamentais alternativas; pela transparência no financiamento dos partidos.

Contra a falta de justiça, e contra a morosidade, a corrupção, e as deficiências do Ministério Público, **Nós, cidadãos!** Combaterá para que as custas judiciais tenham em conta os rendimentos daqueles que se lhe dirigem; que os acórdãos sejam aligeirados; que os Juízes julguem e os serviços de apoio executem serviços complementares; que os agentes da Justiça, cumpram os prazos estipulados na Lei, sob pena de estagnação na carreira, entre outras possíveis sanções.

Contra o pântano fiscal, **Nós, cidadãos!** Irá propor um sistema fiscal equitativo, acompanhado de uma intervenção de fundo na simplificação do IRS e do IRC, e na reengenharia de processos da Administração Fiscal e na preparação de magistrados. O objectivo da fiscalidade deve ser ajudar a crescer famílias e empresas, distribuindo, pois enquanto a criação de riqueza não for acompanhada de políticas redistributivas contra a desigualdade, não conseguiremos alcançar o objectivo de uma sociedade mais justa, mais livre e mais solidária.

Face à crise da segurança social, **Nós, cidadãos!** Preconiza medidas de via fiscal, que substituam progressivamente a tributação do factor trabalho por taxação sobre o volume de negócios. Defendemos a redução da carga fiscal que directa ou indirectamente incida sobre o trabalho, quer aos empregadores quer aos trabalhadores, de forma a incentivar a criação de emprego. Para a segurança social, preconizamos um novo tipo de financiamento que incida sobre o volume de negócios das empresas e não sobre o número e o salário dos trabalhadores. **Nós, cidadãos!** Daremos total prioridade ao resgate das famílias e das pequenas e medias empresas do sobre endividamento crónico. A sustentabilidade das famílias e empresas será conseguida com propostas bancárias e para bancárias de resgate económico e financeiro; pela Revisão da legislação de insolvência e

de exoneração de passivo, ao nível familiar e empresarial (PME) com impactos directos na dimensão judicial; Libertas as famílias e as empresas do peso insuportável das dívidas, abre-se o caminho para a recuperação económica e social. Face a sucessivas crises bancárias, resultantes de actos de ganância e de ignorância por parte dos agentes e dos reguladores, **Nós, cidadãos!** Queremos uma banca sustentável e mais social; queremos uma banca com práticas limpas e equitativas: com estratégias de reestruturação e consolidação bancária; regulamentação dos processos de concessão, acompanhamento e cobrança de dívidas (e.g. taxas máximas permitidas; taxas de esforço máximas; regulamentação dos critérios de acompanhamento conforme a realidade multi-crédito.

Nós, cidadãos! Defendemos uma política monetária adequada ao desenvolvimento económico-social e solidário, pelo que exigimos condições e garantias para a permanência na moeda europeia. Uma vez definido, caracterizado e avaliado o cenário da nossa permanência no euro, preconizamos uma estratégia negocial perante os nossos parceiros europeus que leve à mitigação de riscos; defendemos que essa estratégia negocial e comunicacional devera basear-se no valor que Portugal aporta à Europa e não no valor que a Europa aporta a Portugal: que damos novos mundos à Europa; que queremos relação e não exclusão.

Contra a crise, **Nós, Cidadãos!** vai aproximar o poder do cidadão, nas duas regiões autónomas de Açores e Madeira, nas duas regiões metropolitanas da Grande Lisboa e do Grande Porto e nas quatro regiões agropolitanas do Norte, Beiras, Alentejo e Algarve, com valências e responsabilidades distintas. A tarefa é tanto mais urgente quanto pior é a situação orçamental, quanto menos crescem as periferias, e quanto mais difícil for a retoma económica. Para combater as disparidades regionais em Portugal, o poder central tudo deve fazer para que haja uma repartição mais igualitária, sem clientelismos, em vez de manipular a Lei das Finanças Locais, aumentando disparidades entre municípios, e diminuindo os montantes a repartir.

Para **Nós, Cidadãos!** O ordenamento do território deverá respeitar e promover a riqueza das nossas regiões, devidamente identificadas por variáveis de habitantes, grupos sociais, empresas ou nível da vida; deverá incrementar novas centralidades, polarizadoras da vida regional; e deverá ser origem de um verdadeiro planeamento, dotando os municípios supra-concelhios de mecanismos de actuação para cumprir políticas aprovadas em instâncias apropriadas e que geram desenvolvimento e promovem o uso eficiente dos recursos locais.

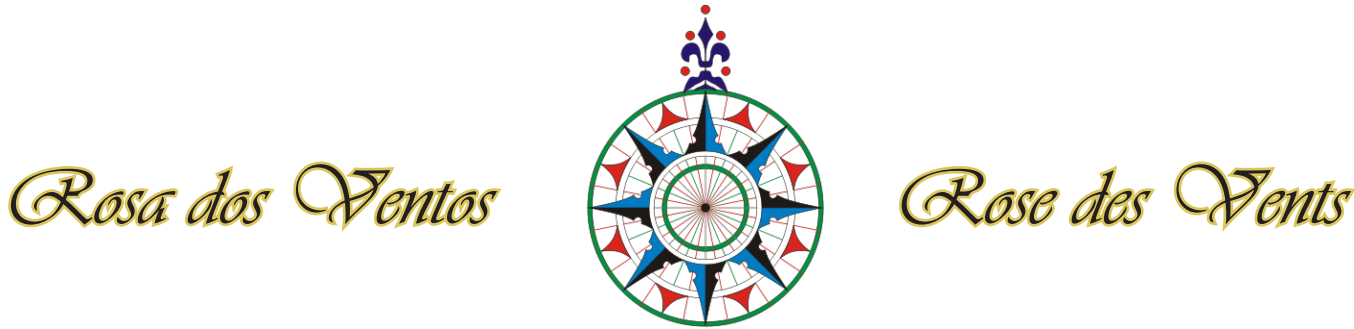
Contra a desertificação do interior, **Nós, Cidadãos!** defende que todas as explorações agrícolas devem garantir uma vida digna aos proprietários. Nós Cidadãos defende que as autarquias terão de tornar-se capacitadoras da iniciativa local, atraindo investidores, produtores, proprietários e redes comerciais. Os municípios supra-concelhios devem reorientar os construtores e investidores para instalações directamente ligadas à produção. Aos actuais e potenciais agricultores e agro-industriais, deve ser facilitado o capital ou crédito necessários a investimentos. Os municípios supra-concelhios devem incentivar parques agro-industriais geradores de riqueza e de emprego.

Nós, Cidadãos! Defende políticas que valorizem as famílias, negligenciadas por sucessivos governos que menosprezam o Estado Social e permitem um “mercado negro” de unidades pretensamente de apoio familiar. **Nós, cidadãos!** Considera ser necessária uma Política Familiar que conjugue os imperativos de trabalho com as necessidades das famílias portuguesas; que garanta com deveres sociais os direitos sociais dos cidadãos e das suas famílias; que acompanhe todos os que não trabalham para uma participação digna na sociedade; que promova a inversão do processo de litoralização do país, e das assimetrias do nosso interior, com o abandono das aldeias. Uma Política Familiar eficaz diminui a despesa pública ao reduzir a pressão para o assistencialismo e favorece o apoio domiciliari. Fomenta a Política de Emprego, com Assistentes, Médicos, Enfermeiros, Educadores, Animadores, e Psicólogos providos pelos mercados locais. Favorece a política demográfica pois melhores Famílias geram mais Famílias.

Nós, Cidadãos! Defende uma reorientação da União Europeia para a promoção dos valores globais da paz, da liberdade e da justiça, temas em que a Europa tem de falar a uma só voz, a fim de enfrentar os desafios presentes; e para temas em que se respeite a liberdade de cada estado-membro. Precisamos de uma Europa proactiva para gerir as mudanças em curso à escala mundial. A construção de uma Europa política, exige o modelo social europeu. As alterações necessárias terão de centrar-se no crescimento económico, nos direitos sociais e na protecção social. A solidariedade não é apenas necessária na sociedade europeia; Portugal tem de ajudar a União Europeia a abrir-se para o mundo, em particular para o mundo lusófono. Juntos, podemos agir; divididos, somos impotentes.

Contra a política de austeridade, com a qual os governos têm agravado a crise e evitado as reformas urgentes que aqui propomos, Nós, Cidadãos! Saberemos agir. A pior crise é aquela que não provoca a mudança. **Nós, cidadãos!** Queremos essa mudança em nome da justiça social e por um Portugal melhor. E essas mudanças são viáveis porque a mudança já começou em cada um de nós. **Nós, cidadãos!** Vamos dar-lhes voz!





Promenade à Viseu

Photo: Turismo Centro de Portugal
À ne pas manquer

- parcourir à pied les vieilles rues et sentir l’ambiance du centre historique
- faire une promenade en petit train touristique
- visiter la cathédrale et y admirer les plafonds de la voûte et de la sacristie
- déguster et acheter du vin du Dão
- traverser la ville en funiculaire

Ville ancienne, grise à cause de la pierre mais simultanément verte, accueillante et animée, Viseu a été considérée comme la meilleure du Portugal, dans le classement concernant la qualité de la vie.

Pour la découvrir, rien de mieux que de commencer par le centre historique bien préservé. De la place de Rossio partent différentes rues étroites au tracé médiéval, où se trouvent de nombreux magasins de commerce traditionnel. Cela vaut la peine de parcourir la Rua Direita ou la Rua Escura, bordées de maisons du XVIe siècle, où subsistent des gargouilles et des fenêtres gothiques, ainsi que la partie des « quatre coins » (Quatro Esquinas) où se dressait l’une des portes des remparts.

Le parvis de la cathédrale (Adro da Sé) est le point principal de toute visite. Le granit y est prédominant dans un ensemble imposant formé par le palais des trois échelons (Paço dos Três Escalões), qui abrite le musée Grão Vasco, la cathédrale, le balcon des chanoines et le donjon (Torre de Menagem); en face, l’église de la Miséricorde (Igreja da Misericórdia), elle aussi majestueuse, mais avec une façade rocaille qui introduit une note de gaieté dans la sobriété du lieu. Il faut sans aucun doute consacrer un certain temps à cette place, mais notez surtout la voûte ornée de cordes et de noeuds en pierre de style manuelin dans la cathédrale, les objets précieux exposés au musée du Trésor (Museu do Tesouro), ainsi que les œuvres de Vasco Fernandes (Grão Vasco), peintre portugais du XVe siècle, au musée qui lui est dédié.

Viseu possède plusieurs espaces verts, idéaux pour les promenades de détente. Voici quelques suggestions : Les parcs, Parque do Fontelo, Parque Aquilino Ribeiro ou celui de Cava de Viriato, qui aurait été un campement militaire romain au I/II siècle av. J.-C et où une statue évoque le héros lusitanien qui résista à l’invasion avec bravoure.

Toute cette zone s’insère dans la région viticole délimitée du Dão, qui produit de bons vins rouges et blancs. Vous pouvez les déguster au manoir Solar do Dão, siège de la Commission viticole régionale, dans les domaines (quintas) où ils sont produits, ou à table pour accompagner l’excellente gastronomie régionale, notamment le rôti de veau au four à la mode de Lafões.

Sé Cathédrale de Viseu

L’aspect extérieur de cette cathédrale est imposant, bien que lourd et austère. Sa structure originelle était une construction romane de laquelle subsistent deux tours qui compriment le frontispice, lequel, au premier regard, démontre des courants et des goûts architecturaux bien postérieurs.

La façade a été érigée à la moitié du XVIIe siècle pour remplacer l’ancienne façade Renaissance qui s’est écroulée en 1635. Elle présente un détail intéressant: six niches en pierre sculptée. La dernière niche abrite une représentation de Sainte-Marie de l’Assomption, la sainte patronne de la Cathédrale. Au-dessous, également dans l’axe central, se trouve la représentation de S. Teotónio, un homme aux nombreuses vertus, qui fut Prieur de la cathédrale entre 1112 et 1119, puis saint patron de la ville de Viseu. Dans les niches latérales sont représentés quatre évangélistes accompagnés de leurs respectifs symboles.

Mais ce qui est véritablement intéressant dans cette cathédrale portugaise c’est l’intérieur et plus particulièrement l’originale voûte où les nervures ont



la forme d’une croix. Elles sont admirablement taillées dans la pierre comme s’il s’agissait d’une grosse corde nouée en son centre, des attributs nautiques très caractéristiques du style manuelin, qui lui confèrent une fine élégance. Les voûtes se terminent en fleurons en pierre d’Ançã et reproduisent les devises des rois et les blasons des évêques, notamment celui de Diogo Ortiz, Évêque de la ville, astrologue à qui l’on doit cette œuvre achevée en 1513.

La chapelle principale, modifiée au XVIIIe siècle était jadis décorée d’un très beau retable de Vasco Fernandes, représentant des scènes de la vie du Christ, aujourd’hui conservé au Musée Grão Vasco. L’actuel retable, une œuvre baroque qui révèle le goût à la mode du temps du roi João V, est signé Francisco Machado. Les élégantes stalles du XVIIIe siècle sont en bois de jacaranda, du Brésil, sculpté et doré.

Sur le côté, un corridor revêtu d’azulejos du XVIIIe siècle permet l’accès à la sacristie, édifiée en 1574, et richement décorée de peintures au plafond en bois avec, en son centre, l’écu de l’évêque Jorge de Ataíde, mentor de cette construction. Les murs sont entièrement couverts d’azulejos polychromes du XVIIe siècle.

Pour terminer ce périple dans la Sé Cathédrale, visitez le cloître dont l’accès se fait par l’église et par le Trésor du Musée de la Cathédrale.

Cava de Viriato

Archéologie

Lieu de promenades agréablement arboré, il conserve quelques murs en terre qui délimitaient l’espace retranché en forme d’octogone, avec près de 2 Kms de périmètre.

Selon les historiens, il aura servi de campement aux légions impériales qui surveillaient les diverses routes de l’Empire qui se croisaient ici. Selon d’autres, l’interprétation de cet espace est plus romantique : il aurait été une enceinte d’accueil pour le troupeau des populations lusitaniennes en transhumance de la Serra da Estrela vers la Serra de Montemuro.

Quoi qu’il en soit, la Cava de Viriato bien qu’elle soit d’une grande valeur pour les archéologues, n’a aucun aspect artistique puisqu’il s’agit de talus de terre qui se conservèrent durant plus de 2.000 ans. Le héros lusitanien Viriato, guerrier local qui combattit les légions de Rome, est représenté par une statue de bronze, entouré de cinq pasteurs. Près de la “cava” se trouve le champ où a lieu tous les ans la séculaire Foire de São Mateus.

CONHECENDO O INIMIGO

Gen Clovis Purper Bandeira
Editor de Opinião do Clube Militar

“Se você conhece o inimigo e se se conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece, mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas.” Sun Tzu (594 a.C.-496 a.C.) in A Arte da Guerra.

Talvez o prezado leitor julgue forte o termo inimigo. Não devemos temer as palavras.

Mas se um grupo político desesperado e radical, assessorado por instrutores guerrilheiros estrangeiros e nacionais, possuidor de armamento letal e disposto a usá-lo, ocupando posições que lhe permitem paralisar, a qualquer momento, o tráfego nas principais rodovias do país e impulsionar na área urbana, invadindo prédios públicos e privados – como, aliás, já fez várias vezes em treinos isolados – é chamado por um ex-presidente boquirroto e sem compostura de “exército”, que ameaça empregar nas ruas para forçar a adopção de suas ideias, é bom conhecê-lo. Mesmo que o chamemos por um eufemismo, como adversários, forças adversas ou expressão equivalente.

Não tenha dúvida: para eles, somos o inimigo, e eles não têm nenhum escrúpulo em empregar o termo. E como tal nos tratarão.

Mas o que nos deve preocupar não é tanto o “exército” inimigo, mas os seus mentores e as forças que o mantêm, doutrinam e sustentam, os partidos comunistas ou filo-comunistas capitaneados pelo nefasto e desonesto PT. E que o empregará, o que se torna mais possível quanto mais desesperadora for sua situação.

Acosado por denúncias diárias de corrupção, lavagem de dinheiro, evasão de divisas etc, responsabilizados pela derrocada da Petrobras, acusados de estelionato eleitoral, cúmplices de todas as maracutaias e falcatruas que envergonham o Brasil, o desespero pode levá-los a atitudes extremas, pois sentem o poder escapar por entre os seus dedos.

Atónito com o clamor popular contrário que sobe das ruas, apenas quatro meses depois de assumir mais um mandato no executivo federal, o PT organiza seu 5º Congresso Nacional.

Dentre as sugestões recebidas das diversas correntes de opinião que compõem o partido, cada vez mais uma frente de ideias inconciliáveis, chama atenção a tendência “*Chapa Virar à Esquerda! Reatar com o Socialismo!*”. Apesar de rolar pela internet, vertendo ódio e radicalismo revolucionário extremos, as sugestões deste grupo não constam da página oficial do PT.

As delirantes propostas atribuem o fracasso administrativo e de gerência dos mais de doze anos do partido no poder a uma suposta inclinação à direita, o que só ocorreu no actual mandato, por absoluta necessidade de a presidente evitar o caos total na economia do país.

Culpando o capitalismo pelas desgraças que produziram, propõem uma retomada das propostas originais do partido na busca do socialismo, como se tivessem feito outra coisa que não fosse procurar implantá-las no Brasil e apoiá-las nos países vizinhos.

A implementação do sugerido no documento só pode ser feito por meio de um golpe de estado, com o encerramento do Congresso.

Não pretendemos aqui analisar todo o documento, que pode ser encontrado na Internet. É leitura longa e desagradável, mas importante para que se saiba quem são os verdadeiros “*golpistas*”.

Dizer que se trata de proposta de grupo radical não convence, pois grande parte do núcleo duro do PT assim pensa, inclusive Lula, segundo declarações do próprio no Fórum de São Paulo – aquele que não existia.

É imprescindível que a sociedade e sua vigilante imprensa não ignorem a realidade, mesmo com o fim do socialismo no Brasil, confirmando as palavras de M. Thatcher: “*o socialismo só dura enquanto dura o dinheiro dos outros*”.

Com o tesouro quebrado, as principais empresas demolidas, o desemprego e a inflação disparando, não há como pretender aplicar agora ideias socialistas no nosso país, pois não há dinheiro dos outros (dinheiro público) para dissipar.



CONHECENDO O INIMIGO

Gen Clovis Purper Bandeira
Editor de Opinião do Clube Militar

«Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece, mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas.» Sun Tzu (594 a.C.-496 a.C.) in A Arte da Guerra.

Talvez o prezado leitor julgue forte o termo inimigo. Não devemos temer as palavras.

Mas se um grupo político desesperado e radical, assessorado por instrutores guerrilheiros estrangeiros e nacionais, possuidor de armamento letal e disposto a usá-lo, ocupando posições que lhe permitem paralisar, a qualquer momento, o tráfego nas principais rodovias do país e impulsionar na área urbana, invadindo prédios públicos e privados – como, aliás, já fez várias vezes em treinos isolados – é chamado por um ex-presidente boquirroto e sem compostura de “*exército*”, que ameaça empregar nas ruas para forçar a adopção de suas ideias, é bom conhecê-lo. Mesmo que o chamemos por um eufemismo, como adversários, forças adversas ou expressão equivalente.

Não tenha dúvida: para eles, somos o inimigo, e eles não têm nenhum escrúpulo em empregar o termo. E como tal nos tratarão.

Mas o que deve nos preocupar não é tanto o “*exército*”inimigo, mas seus mentores e as forças que o mantêm, doutrinam e sustentam, os partidos comunistas ou filo-comunistas capitaneados pelo nefasto e desonesto PT. E que o empregará, o que se torna mais possível quanto mais desesperadora for sua situação.

Acosado por denúncias diárias de corrupção, lavagem de dinheiro, evasão de divisas etc, responsabilizados pela derrocada da Petrobras, acusados de estelionato eleitoral, cúmplices de todas as maracutaias e falcatruas que envergonham o Brasil, o desespero pode levá-los a atitudes extremas, pois sentem o poder escapar entre seus dedos.

Atónito com o clamor popular contrário que sobe das ruas, apenas quatro meses depois de assumir mais um mandato no executivo federal, o PT organiza seu 5º Congresso Nacional.

Dentre as sugestões recebidas das diversas correntes de opinião que compõem o partido, cada vez mais uma frente de ideias inconciliáveis, chama atenção a tendência “*Chapa Virar à Esquerda! Reatar com o Socialismo!*”. Apesar de rolar pela internet, vertendo ódio e radicalismo revolucionário extremos, as sugestões deste grupo não constam da página oficial do PT.

As delirantes propostas atribuem o fracasso administrativo e de gerência dos mais de doze anos do partido no poder a uma suposta inclinação à direita, o que só ocorreu no actual mandato, por absoluta necessidade de a presidente evitar o caos total na economia do país.

Culpando o capitalismo pelas desgraças que produziram, propõem uma retomada das propostas originais do partido na busca do socialismo, como se tivessem feito outra coisa que não fosse procurar implantá-las no Brasil e apoiá-las nos países vizinhos.

A implementação do sugerido no documento só pode ser feito por meio de um golpe de estado, com o fechamento do Congresso.

Não pretendemos aqui analisar todo o documento, que pode ser encontrado na Internet. É leitura longa e desagradável, mas importante para que se saiba quem são os verdadeiros “*golpistas*”.

Dizer que se trata de proposta de grupo radical não convence, pois grande parte do núcleo duro do PT assim pensa, inclusive Lula, segundo declarações do próprio no Fórum de São Paulo – aquele que não existia.

Musée de Grão Vasco - Viseu



Fondé en 1915 par Francisco de Almeida Moreira, qui consacra une grande partie de sa vie à rassembler des oeuvres portugaises, en particulier celles qui représentent les meilleurs peintres portugais modernes et contemporains, le Musée de Grão Vasco est installé au Palais de Três Escalões, contiguë à la Cathédrale (Viseu).

Avant d’entrer dans le Musée, remarquez la noblesse de l’édifice de style Renaissance, où s’illustre un portique discret, entouré par deux colonnes cannelées. Oeuvre de divers prélats (remontant sans doute au temps de D. João Gomes de Abreu qui fut Évêque de Viseu entre 1466 et 1482, inhumé au cloître) l’évêché abriterait aussi, le Collège Séminaire Conciliaire, selon les normes du Concile de Trento dictées en 1563, qui obligeaient les Sièges épiscopaux à éduquer un certain nombre de jeunes. Il ne fut achevé qu’à la fin du XVIè siècle. La collection des objets et images destinée à l’origine aux pratiques liturgiques (peinture, sculpture, orfèvrerie et ivoires, du roman au baroque), s’ajoute aux pièces d’archéologie, aux importants exemplaires de peinture du XIXè siècle, à la faïence portugaise, à la porcelaine orientale et au mobilier.



La collection principale du musée est constituée par un notable ensemble de peintures de Vasco Fernandes (c. 1475-1542), le célèbre Grão Vasco, et de son principal collaborateur, Gaspar Vaz



7



Foire de São Mateus

Événements Phares

La «*Feira Franca*», du Viseu médiéval, s’est agrandie et elle aujourd’hui accueille beaucoup de musique, folklore, artisanat, gastronomie et beaucoup d’animation.

Ne perdez pas les spectacles de couleurs et de sons sur la Scène de la Foire, les épreuves de sauts et d’obstacles au Centre Hippique, les Promenades de Cyclotourisme, les Concours de Pêche, les démonstrations de parachutisme et d’acrobaties aériennes à l’Aérodrome Gonçalves Lobato, les Épreuves d’Athlétisme et beaucoup, beaucoup d’animation!

Tout se passe en août/septembre sur le Champ de la Foire de São Mateus, bien au centre de Viseu.

Date à préciser.

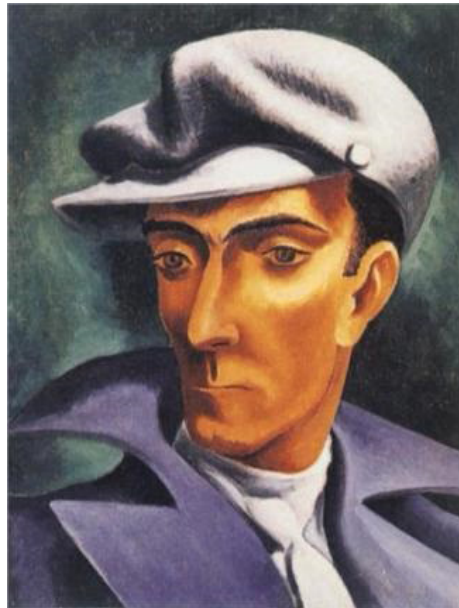
TEMPO DE POESIA - XXIV

PORTUGAL FUTURISTA

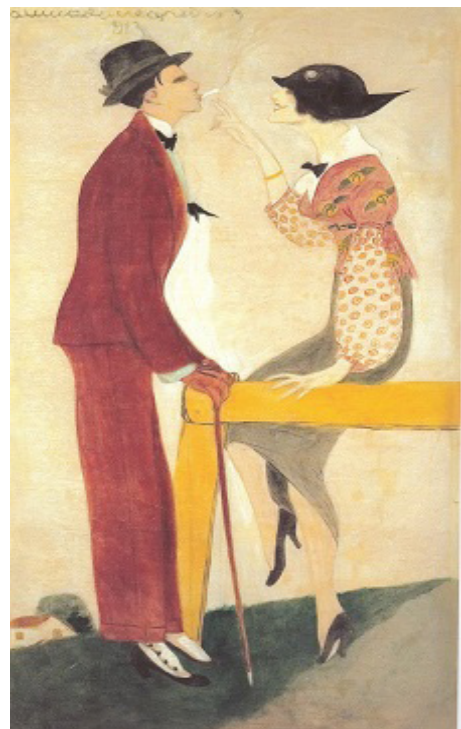
Os artistas futuristas de ORFEU: José de Almada Negreiros, Amadeo de Souza Cardoso e Santa Rita Pintor.

José de Almada Negreiros

Se bem que nunca tenha frequentado nem Escolas de Belas Artes nem Academias, José de Almada Negreiros começou a publicar desenhos e caricaturas com a idade de 18 anos, na revista “A Sátira” e participou em 1911 na primeira Exposição dos Humoristas e Modernistas. No ano seguinte, fez a sua primeira exposição individual que levantou um certo entusiasmo; Fernando Pessoa fez uma análise profunda do seu trabalho na revista “Águia”, o que motivou o nascimento de uma grande amizade entre eles.



Das suas primeiras caricaturas e das belas pinturas decorativas de Arte Nova para a alfaiataria Cunha em 1913 (inspiradas seguramente pelas fotos de moda dos vestidos criados por Paul Poiret, que apareceram na revista Illustration). Almada descobre com entusiasmo Marinetti e o Futurismo entre 1915 e 1917 e lança-se numa fase irreverenciosa e panfletária, adoptando todos os “ismos” criados por Fernando Pessoa, escreve poemas revolucionários publicados nas revistas Orfeu e Portugal Futurista. Publicou também um célebre manifesto anti-Dantas e fez uma conferência que provocou grande alarido. Em 1919 foi para Paris, afirmando ser “*Paris a cidade única*”, onde fez inúmeras amizades, mas declarando mais tarde que o ideal de todos não era o mesmo, porque “a arte não vive sem a Pátria do artista”. Almada foi um artista polivalente: pintor, desenhador, poeta, escritor, dançarino, etc. a sua vida foi longa, repleta e prestou honra aos dois grandes homens do Orfeu: Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa.



Amadeo de Souza Cardoso

nasceu em 1887 em Manhufe, Amarante numa família rica que o incita a matricular-se na Universidade de Direito em Coimbra, curso que ele abandonou para fazer Arquitectura nas Belas-Artes em Lisboa.

Irrequieto, abandonou tudo e foi para Paris, onde em 1911 expôs no “*Salon des indépendants*” e travou amizade com Modigliani, Brancusi, Archipenko, Gris, Delaunay, etc.

Amadeo de Souza Cardoso alcançou, no seu tempo, uma visibilidade bem para além das fronteiras de Paris e da França, embora só realmente descoberto por Portugal há algumas décadas.

Teria declarado nessa altura : “*A minha maior esperança ainda é Paris, o mundo onde se vive, onde se sente, onde se pensa, onde se trabalha ...*

“Lisboa é boa para conselheiros pelintras e para todos os mariolas ...Lisboa é o resumo da torpeza nacional: aos que não corrompe, enoja-os ...nem você imagina como a estupidez humana me entristece”.

O Grand Palais, em Paris, vai expor a *retrospectiva* da obra de Amadeo de

Escolha de Isabel Meyrelles

Tradução e Colaboração de Maria Fernanda Pinto, PFr.



Souza-Cardoso, de 30 de Março a 11 de Julho de 2016, no âmbito do programa dos 50 anos da Fundação Gulbenkian de Paris.

Santa Rita Pintor.

Pintor português, cujo nome era Guilherme Augusto Cau da Costa, nascido em 1890 e falecido em 1918, em Lisboa, foi considerado o iniciador do Futurismo em Portugal. Formado pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, fixou residência em Paris em 1910, onde contactou com os círculos artísticos vanguardistas, passando a conviver com artistas como Picasso, Marinetti e Max Jacob.

As raças afirmam-se pelos génios que contêm. O génio é a voz das épocas que passam na sua evolução eterna. Passam as épocas mas a sua voz continua ainda... Portugal que constitui uma raça ... deu também a esta época um representante. Santa Rita Pintor é em Portugal a mais completa síntese desta época de estranhas manifestações, que Picasso surpreendeu no seu alvorecer.



O que é o Futurismo? A renovação da Vida. A renovação, a emancipação e a consciência exacta da Vida. A pintura futurista é, antes de tudo, a reacção violenta contra a vulgaridade e o academismo pedante. A Forma e a Cor como até hoje têm sido compreendidas, não bastam para exprimir a verdade, porque o que hoje se quer reproduzir, não é já o instante fixado do dinamismo universal, mas a própria sensação dinâmica (...)

Orfeu nos
Infernos (pintado com 14 anos)



Azores

Selon la légende, les neuf Iles volcaniques des Azores font partie des restes de la légendaire Atlantide disparue. L'incroyable beauté des îles en fait des lieux magiques.



Sur l'Océan Atlantique, à un tiers de chemin entre le Portugal et New-York, les Azores forment un archipel inhabité jusqu'à ce que les portugais le découvrent en 1427. Des lacs spectaculaires remplissent les anciens cratères des volcans et des sources d'eau minérale bouillante jaillissent des rochers. Les champs ressemblent à des patchworks et les maisons, blanchies à la chaux et couronnées de tuiles brunes forment des villages qui se distinguent du paysage vert éblouissant.

Amarrés aux ports, il y a des bateaux de tous les modèles et de toutes les dimensions.

São Miguel est l'île la plus grande, très connue pour l'énorme cratère qui forme deux lacs attenants, aux belles couleurs bleu saphir et vert émeraude.

Dans des marmites en fer, sellées et enterrées au sol près des sources d'eau bouillante, on cuisine des soupes et des plats cuits qui sont des véritables spécialités au goût sans égal. Le principal centre urbain, Ponta Delgada, exhibe des églises merveilleuses du XVe et XVIe siècles dont l'intérieur baroque est fabuleux. Et il y a aussi la céramique de Lagoa, peinte à la main, exemple typique de l'artisanat local.

Santa Maria est une autre des Iles orientales où il y a des plages tentantes au sable blanc, des grottes cachées, des escarpes abruptes et de belles forteresses. Pas loin, les visiteurs de l'île de Faial, sur le groupe central de l'archipel, seront éblouis par la Caldeira, un immense cratère vert, et ravis de connaître Horta, une ville où les marins et les navigateurs s'arrêtent depuis toujours. Quat à l'île de Faial elle tient son nom des arbustes de hêtre (faia) abondants dans la région.

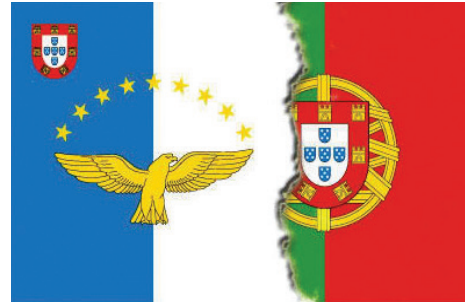
De l'île de Faial on aperçoit Pico, le point le plus élevé du territoire national, avec son sommet couvert de neige blanche et le mystérieux paysage de lave noire.

La capitale de l'île Terceira est Angra do Heroísmo, classée Patrimoine Mondial par l'UNESCO, un exemple d'une ville de la Renaissance, avec ses rues symétriques bordées de maisons seigneuriales et d'églises imposantes. Jadis, la ville était le point de rencontre des marins qui s'y arrêtaient en route vers l'Inde. L'île Terceira est également connue pour ses «touradas» aux caractéristiques particulières, car le taureau y est conduit dans les rues, attaché par des cordes. Les Iles Graciosa et São Jorge, à la végétation exubérante, font également partie du groupe central de l'archipel.

L'île des Flores se trouve au groupe occidental avec un paysage découpé, des lacs formés sur des cratères et une grande variété de fleurs sauvages. L'île est très connue pour son artisanat en écaille de poisson et moelle de figuier. Corvo est l'île la plus petite de ce groupe où se trouve le plus petit village du Portugal avec un peu plus de 400 habitants. A l'intérieur du cratère il y a une mystérieuse formation de neuf roches dont la configuration correspond à celle des neuf îles de l'archipel.

Les Azores sont un paradis pour l'explorateur, mais vous y trouverez également d'excellentes conditions pour la pratique du golf, du tennis ou de la grosse pêche. Les délicieux fruits de mer, la pieuvre, les fromages savoureux, les ananas, le fameux vin de Pico et la célèbre liqueur aux fruits de la passion, sont de véritables tentations pour le palais.

Les Azores exhalent une magie qui éveille le désir pressant d'y retourner. *ICEP*



NO CENTENÁRIO DA AVIAÇÃO MILITAR

“Chamei Manuel Gouveia em Tripoli e disse-lhe:

- *Você sabe Gouveia, que vamos cruzar uma região perigosíssima e o voo é longo, cerca de 1000 Km. Os perigos multiplicam-se. Se formos obrigados a aterrar, a morte é certa: no deserto ou morremos de fome senão encontrarmos ninguém, ou morremos decapitados se alguém nos vir; no mar, tão deserto como o deserto, se procurarmos esse refúgio a morte é certa, também. Se você quer vá para o Cairo num navio, nós o esperamos aí.*

Gouveia olhou para mim zangado e um pouco malcriadamente – porque não o direi? – respondeu - me apenas:- *O meu comandante parece que não me conhece, eu sou do Porto, da terra que deu nome a Portugal. Se for preciso, morrer, morre-se.”*
Brito Pais
(extraído do relatório da viagem aérea Macau, em 1924)

A atleta Rosa Mota é figura destacada na actual campanha contra o cancro de pele, causado pela excessiva exposição ao astro-rei.
É uma boa ideia e faz bem.

Rosa Mota está na calha, certamente, para ir para o Panteão Nacional.
Foi medalha de ouro na mais difícil competição desportiva desde a invenção dos Jogos Olímpicos: a corrida da Maratona.
Portou-se bem a nossa “Rosinha” e estou certo que a maioria dos seus compatriotas a considerou uma heroína.

Não se lhe conhecem taras, nem consta que alguma vez tenha feito algo que envergonhasse a nação dos portugueses.
E se não se enganar a apostar em eventuais candidaturas à Presidência da República terá direito – a avaliar por exemplos recentes – a lugar em sarcófago de pedra, na antiga Igreja de Santa Engrácia.
O que esperamos aconteça – Deus assim o entenda – daqui a muitos anos.
É isto ser-se honesto, talvez a forma de se ser herói todos os dias, o papel mais difícil de ser feito em sociedade.

10 Um herói, pode sê-lo apenas por um acto que, numa hora de bom e desprendido julgamento, coragem extrema, ou de uma virtude excepcional, faça com que um ser humano pratique um acto ou acção, que o distinga dos demais e que não está ao alcance da capacidade da maioria.
Alguns casos existem assim na sociedade portuguesa e que não foram ainda reconhecidos como tal.

Entre eles destaca-se, seguramente, o caso Major Piloto Aviador António Lourenço de Sousa Lobato, nascido em terras do Minho, mais precisamente na Aldeia de Sante, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, a 11 de Março de 1938.

É aqui que começa a fazer sentido o título do escrito: é que António Lobato (AL) é Oficial Superior da Força Aérea, na situação de reforma.
Que fez então este nosso concidadão de tão notável que, não só merece uma homenagem nacional que nunca lhe foi feita, mas também que a sua história deva ser contada recorrentemente, em todas as escolas do país?
Resumidamente: 1 AL alistou-se na FA em 1957 e fez parte do Curso de Pilotagem P3/57. Recebeu as suas asas em Junho de 1959, e tinha o posto de Segundo-Sargento.

Partiu em missão de soberania para a então Província da Guiné, em Julho de 1961, ainda a guerrilha não tinha tido início.
Ajudou a FA a operar naquele território a partir do ... nada.
No dia 22 de Maio de 1963, após uma das muitas missões em que já participara, no regresso à base, suspeitando que podia ter sido atingido por fogo inimigo, pediu ao seu asa – piloto recém - chegado e inexperiente – que passasse por baixo do seu T-6 para ver se detectava algo de errado. O “asa” cometeu um erro na manobra, tendo chocado com o seu avião de que resultou AL ter de efectuar uma aterragem forçada. 2

Após a aterragem foi preso por um grupo de populares afectos ao PAIGC, que o entregou a uma força de guerrilheiros chefiados por Nino Vieira que viria, mais tarde, a ser Presidente da Guiné-Bissau, qualidade em que receberia AL em audiência.

AL sofreu maus tratos por parte dos indígenas, mas foi bem tratado pela guerrilha – que viu nele um valioso troféu de guerra e o levou para a Ex- Guiné Francesa. Ia começar para AL um longo e doloroso cativo, que duraria sete anos e meio, tendo sido resgatado na célebre operação Mar Verde, comandada pelo extraordinário combatente que foi o Comandante Alpoim Calvão, em 22/11/1970, juntamente com mais 25 portugueses, que jaziam numa masmorra em Conacri.

Um feito que D. João de Castro não desdenharia...

No entanto AL mudou três vezes de prisão, conheceu a “solitária”, fugiu e foi recapturado, três vezes, e passou por um processo mental de sobrevivência que bem poderia ser estudado por um grupo seleccionado de psicólogos.
Nesta luta teve um apoio precioso da família, sobretudo da sua jovem mulher – que esteve à sua altura – (tinham casado há poucos meses antes de ter sido feito prisioneiro), que chegou a pedir uma audiência ao Papa, visando a sua libertação.

1 *Ver livro de sua autoria “Liberdade ou Evasão”, Erasmus, Amadora, 1995 – há demasiado tempo esgotado!*
2 *O outro avião despenhou-se e o piloto morreu.*

No mesmo sentido, ainda está por fazer, a história do que foi feito a nível do Estado Português – e foi bastante – para o libertar.
Mas o mais notável em tudo o que se passou, é que o Sargento António Lobato, manteve-se firme na sua qualidade de militar e combatente da FA Portuguesa, nunca traiu o seu juramento para com a Pátria, cumpriu sempre o Dever Militar, e, tentado várias vezes a trocar a prisão, pela “liberdade”, num país de leste, mais tarde na Argélia (onde pontificava a chamada Frente Patriótica de Libertação Nacional, de exilados portugueses), sempre recusou.

Para a sua libertação tinha “apenas” que redigir uma mensagem radiofónica em que declarava a sua oposição à guerra – logo a justiça da luta do IN – e comprometer-se a nunca mais pegar em armas contra a guerrilha.
Note-se que estas propostas chegaram a ser feitas pelo líder do PAIGC Amílcar Cabral, que o visitou na prisão.
Um dia inquirido porque nunca quisera aceitar o que lhe ofereciam, deu esta resposta extraordinária, por simples e profunda e que diz tudo: *“com que cara é que eu chegava ao largo da minha aldeia?”.*

Pois, caros leitores, é um homem desta ténpera, que se manteve posteriormente sempre impoluto, de que no século passado haverá, talvez, em todo o mundo, uma mão cheia de exemplos que se lhe igualem, que a grande família portuguesa desconhece e o Terreiro do Paço nunca reconheceu e homenageou.

É certo que a FA e o Governo da altura, o reintegraram nas fileiras, pagaram-lhe todos os retroactivos e promoveram-no por distinção a Tenente. A seguir e mediante legislação para o efeito criada, passaram-no ao quadro permanente, na especialidade de piloto aviador.

Mas até hoje, nem no activo – onde nunca se tentou tirar sequer partido em qualquer circunstância do valiosíssimo exemplo, experiência e valor, do militar em questão – na reserva e reforma se colocou este português dos quatro costados e pessoa de carácter, no lugar a que por direito próprio merece ocupar. E nós, os outros, também devemos ter direito a justamente nos orgulharmos dele.

Ora a FA nunca se lembrou que tinha AL entre um dos mais notáveis dos seus. Nem sequer o convida para o aniversário anual, onde AL devia ter lugar de honra...

É claro que no actual regime sem norte, nem valores dignos desse nome, enfermo de corrupção, em que nos habituámos (mal) a viver, AL tem contra si, o facto de não ter sido desertor, traidor, tão pouco gozar da fama de antifascista, senão certamente já teria sido cumulado com várias “ordens da liberdade”, esgotado jornais e entrevistas.

Mas, parece, que não foi isso que ele aprendeu no largo da sua aldeia...
A Força Aérea ainda vai a tempo de emendar a mão e colmatar uma injustiça, e promover uma homenagem ao Major Lobato.

E tem uma oportunidade de ouro agora, aproveitando as comemorações do centenário da aviação militar, que se iniciaram a 14 de Maio do ano passado, mas que por estranho silêncio, ninguém sabe de nada, nem o Estado Português se associou.

Parece até, que a própria FA tem vergonha do evento!...

Atitude que desmerece a citação do “grande” Tenente Manuel Gouveia e que, em boa verdade, sintetiza e consubstancia a missão da Força Aérea: voar e lutar.

Já tarda e já basta.

Pelo António Lobato
“Acção, acção, acção,Aviação”!

VINHO VERDE (DOC)



Ces vins ont été parmi les premiers exportés par le Portugal. Ils sont originaires de la province du Minho, au nord, dans ce que l'on appelle la région du « Vinho Verde ». Certains ont été expédiés vers l'Angleterre en 1295 pour le sacre d'un évêque anglais. Peu après, les marchands anglais ont établi un comptoir sur le port atlantique de Viana do Castelo afin d'échanger leurs produits en bois contre le vin et le blé locaux. Ce fut le début d'une activité commerciale intensive entre les deux pays.

Le nom Vinho Verde (vin vert) n'a jamais pu être totalement expliqué. Mais on pense que son caractère vif, fruité, faiblement alcoolisé (9-10°), et légèrement pétillant, a du très tôt constituer une rafraichissante alternative aux vins plus robustes que l'on trouve dans d'autres zones du Portugal. On rencontre la mention écrite de Vinho Verde vers le milieu du XVI^e siècle.

Dans cette région très verdoyante, traditionnellement, les vins sont bus le plus tôt possible après la vendange. L'association de tous ces facteurs suggère la jeunesse et la fraîcheur contenues dans le mot « vert ».

Cette région est limitée au nord par le fleuve Monção (d'où l'on aperçoit la Galice), l'Océan Atlantique à l'ouest, et des chaînes de montagnes à l'est et au sud. Le sol y est partout granitique.

Six sous-régions ont été identifiées du nord au sud en 1908: Monção, Lima, Braga, Penafiel, Basto et Amarante. L'appellation officielle a été accordée en 1929.

Monção, à l'extrême nord, est une zone intérieure, semi-montagneuse et, contrairement aux autres sous-régions, bien protégée de toutes parts des brises atlantiques par de hautes collines. Les vins y ont généralement 11 à 12% d'alcool, soit 2 ou 3% de plus que dans les autres sous-régions.

Le cépage Alvarinho est élevé dans les régions de Monção et Melgaço, de même que sur l'autre rive du fleuve Monção, en Espagne, où il est connu sous le nom d'Albariño. Les vins blancs issus de ce cépage sont les plus prestigieux, les plus chers et les plus recherchés dans les deux pays. Le Alvarinho a un arôme intense, fruité, qui rappelle le Riesling, avec un corps et une profondeur remarquables.



Les régions au sud de Monção : Lima, Braga et Basto, représentent le gros de la production. Presque tous les vins qui y sont produits ont généralement une teneur comprise entre 10% d'alcool. Les meilleurs cépages sont Loureiro, Trajadura et Pedernã. Bien que la plupart des vins soient des assemblages, quelques variétés sont embouteillées seules, en particulier le Loureiro, aux arômes de feuille de laurier et d'épices, et le Trajadura, évoquant l'abricot et les fruits tropicaux.

Amarante, sous-région située au sud-est, borde la région du vin de Porto sur presque 100 km à l'intérieur des terres. Plusieurs variétés sont cultivées ici. Les trois petites communes les plus proches de la région du Douro - Baião,



Resende et Cinfães - produisent un Vinho Verde légèrement plus fort, avec 11 % d'alcool environ. Le cépage Avesso, avec son arôme proche de la pomme, est particulièrement favorisé sur ces terres.

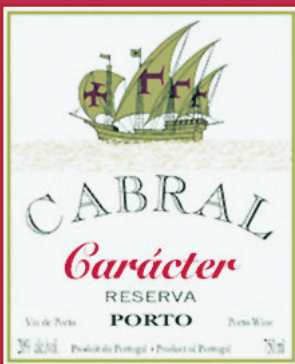
Les techniques de culture employées dans la région du Vinho Verde retracent 2000 ans d'histoire de la viticulture.

Certaines vignes sont encore conduites sur les troncs et les branches des arbres. Les raisins produits selon cette méthode appelée « Enforcado (« pendue ») sont cueillis et mis dans les paniers à l'aide d'échelles qui ont jusqu'à 30 barreaux. Les vignes en « Ramada » ou Latada » sont soutenues par des poteaux de 3 mètres en granit placés en guise de décoration autour des champs de blé, au-dessus des allées, des chemins et même dans des champs cultivés.

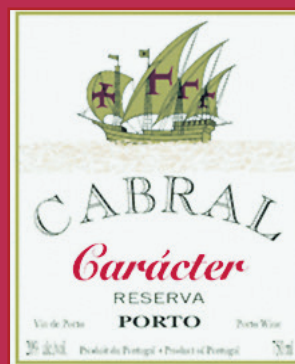
Depuis le milieu des années 70, beaucoup de plantations récentes ont utilisé la technique croisée ou « Cruzeta » un support en forme de T soutient les vignes 1,50 à 2 m au-dessus du sol. Cette méthode permet une parfaite maturation du raisin mais demande beaucoup d'entretien.

Plus récemment, la méthode française du cordon a été adoptée. Les vignes poussent sur un seul fil de fer soutenu par des poteaux de 1 m à 1,50 m de hauteur, ce qui facilite les traitements et la récolte mécanique. Plus important encore, ce système offre une exposition uniforme au soleil, et par conséquent une maturation constante du raisin.

ICEP



PORTO CABRAL
Le soleil embouteillé





EXÉRCITO CONCLUI AS OPERAÇÕES DE LIMPEZA DE MINAS NA SERRA DE SINTRA

A 17 de julho, no âmbito do protocolo celebrado entre o Exército, através do Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1, e os Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Sintra, foram concluídos os trabalhos de identificação e limpeza das minas de água situadas na Serra de Sintra. Os trabalhos realizados permitiram a limpeza de cerca de 100 minas de água.

Este tipo de parceria ilustra uma das missões do Exército, nomeadamente o apoio ao desenvolvimento e bem-estar das populações, traduzido neste caso em concreto, no acesso a um recurso cada vez mais escasso e indispensável para o bem-estar do ser humano.

ASSINATURA DE PROTOCOLO ENTRE O EXÉRCITO E A JUNTA DE FREGUESIA DE ERMESINDE

No âmbito das Missões de Apoio ao Desenvolvimento e Bem-Estar, o Exército, através da Brigada de Intervenção e do Regimento de Engenharia nº3 (RE3), assinou em 22 de julho um protocolo de colaboração visando a limpeza e desobstrução de um troço do rio Leça e reparação de um açude, na cidade de Ermesinde. Na assinatura do protocolo o Exército foi representado pelo Comandante do RE3, Coronel de Engenharia Fausto Vale do Couto, e a Junta de Freguesia de Ermesinde pelo seu presidente, Dr. Luís Ramalho



Área ardida em Portugal terá redução drástica se houver prevenção de incêndios

Revela um estudo da UTAD

Com vários cursos na área florestal e ambiental e um corpo docente e de investigadores muito activos na temática dos fogos a UTAD pode ajudar o governo num projecto de prevenção nacional Portugal é o país do mundo onde uma aposta na prevenção dos fogos florestais daria mais retorno, com uma redução drástica da área ardida. É a conclusão de um estudo internacional, coordenado, em Portugal, pelo especialista em fogos florestais, Paulo Fernandes.

“Uma intervenção na vegetação para prevenir um incêndio, num único hectare, em Portugal, reduz um hectare queimado no futuro. Pode parecer trivial, como uma substituição, mas é um valor muito alto. Por exemplo, na Austrália, na floresta de eucalipto, é preciso intervir em três ou quatro hectares para reduzir a área ardida por incêndio num hectare”, elucida o investigador do Centro de Investigação e de Tecnologias Agro-ambientais e Biológicas (CITAB), da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Paulo Fernandes.



O estudo abrangeu 10 áreas com diferente clima e vegetação em Portugal, Espanha, Estados Unidos da América, Canadá, África do Sul e Austrália e “é bastante representativo das regiões do mundo mais problemáticas em termos de incêndios”, refere o perito.

Segundo a investigação, a área que arde dentro das fronteiras nacionais é muito mais determinada pelo passado do que qualquer outra região em análise. *“O teste às medidas de prevenção dá-se quando um incêndio encontra uma área convenientemente tratada. Quanto maior for a área ardida, maior é a probabilidade de tais encontros acontecerem, mas em Portugal a redução de área ardida causada pela intervenção é superior à que seria de esperar”,* explica Paulo Fernandes.

UTAD e CITAB podem ajudar com um projecto de prevenção nacional

Com vários cursos na área florestal e ambiental e um corpo docente e de investigadores muito activo na temática dos fogos, *“a UTAD tem todas as condições para servir nesta área, que consideramos de interesse nacional”,* salienta o especialista.

“Se todos os anos intervirmos estra-tegicamente em cerca de cinco por cento de um determinado território, com o passar do tempo, vamos ter o país adequadamente protegido dos fogos florestais”, declara Paulo Fernandes, que acrescenta que, *“à escala nacional, e considerando as regiões com risco de incêndio elevado, estamos a falar de cerca de 75 mil hectares por ano”.*



As intervenções para a prevenção de incêndios, que podem ser comparticipadas por fundos comunitários, apresentam custos desde os 50 euros por hectare, com a técnica de fogo controlado, até aos mil euros, com meios mecânicos, *“dependendo muito das características e condições do terreno, se é floresta ou mato, plano ou inclinado”,* adverte Paulo Fernandes.

Segundo o investigador do CITAB, este estudo mostra que há um caminho alternativo à *“aposta dos governos portugueses, que tem sido muito reactiva, porque a resposta política a um ano mau de incêndios é reforçar o combate, apesar de se dizer sempre que o problema é a falta de prevenção.”*

Il y a plus de 100 000 personnes âgées dans les CHSLD

(Centres Hospitaliers de Soins de Longue Durée)

Par Pierre Foglia / Lapresse

Il y avait avant hier dans La Presse une chronique extrêmement percutante de Pierre Foglia. Il décrit le travail «anormal» des préposés qui s’occupent des vieux dans les CHSLD. Pour ceux qui critiquent ces employés, il remet les pendules à l’heure. Voici son texte à lire absolument à la fois très cru et très touchant.

La caméra pas cachée

Une plainte monte du couloir. Encore M. Filion, dit une préposée. Encore constipé. La plainte devient une sorte de beuglement. Ça doit être coincé et ça le déchire, commente une autre préposée, j’y vais. Elle entre dans la chambre où M. Filion, prostré, impuissant, humilié sans doute aussi, pleure doucement. La préposée lui prend la main. Là, là, M. Filion, on va arranger ça. Elle baisse son pyjama, défait sa couche et, de son doigt ganté, dégage l’anus du vieux monsieur. La caméra avec laquelle j’écris cette chronique n’est pas cachée. Ce que je vous montre, n’importe qui peut le voir.

Prenons la plus courante des tâches, celle qui est répétée le plus souvent dans tous les CHSLD de la province. Le bain partiel quotidien. Avec un gant de caoutchouc, la préposée lave la figure, les fesses, la vulve, le pénis du vieux ou de la vieille. Enlève les champignons de son nombril avec un coton-tige. Éponge le liquide brun et épais qui suinte de ses oreilles.

J’ai dit la job courante. Mais une job comme une autre? Journaliste, plombier, institutrice, vendeuse chez Renaud Bray, ça, ce sont des jobs normales, comme les autres. Changer la couche des petits enfants dans une garderie, c’est aussi une job normale. Mais changer la couche d’un monsieur de 88 ans, ce n’est pas une job normale. Pas normal pour le vieux monsieur.

Pas normal pour la vieille madame, pas normal pour la préposée.

Laver la vieille dame sous les seins, mais pas sous les aisselles parce que son bras, trop raide, ne décolle pas et qu’il faudrait être deux pour le lever. Alors forcément, demain, après-demain, la vieille dame va puer un peu. Mais elle puerait de toute façon : 80 % des bénéficiaires des CHSLD portent des couches. Lave-les tant que tu veux, ils puent toujours un peu sous le parfum dont on les asperge le matin.

Couper les ongles des orteils, qui poussent tout croche. Gare s’ils déchirent les bas. La famille en fera tout un plat. Leur avocat convoquera les médias. Et Maisonneuve va encore s’exciter. S’occupent pas de notre papa, c’t’écoeurant. La faute au syndicat.

Nettoyer les ongles des mains. Mais surtout sous les ongles. Je viens de le dire, 80 % des bénéficiaires sont en couche. Plusieurs jouent dedans. Avec la sénilité revient, comme chez les tout-petits, la fascination de la merde. Mais parfois, aussi, c’est tout simplement parce que ça les pique.

Les nourrir. Madame X, madame Y, monsieur Z ont pris place dans leur chaise à tête, qui leur tient la tête droite. Pour les gaver, une seule préposée, assise, elle, sur une chaise à roulettes pour pouvoir aller plus aisément de l’un à l’autre. Hop, une petite cuillère de crème de blé à madame X. Hop, une autre à madame Y. Oups ! Monsieur Z ne veut pas ouvrir la bouche. Ben alors, monsieur Z, on n’a pas faim, aujourd’hui? Miam-miam, la bonne crème ! Hop, elle revient à madame X, qui a régurgité. D’abord lui essuyer les coins de la bouche avec une serviette en papier. Hop madame Y, c’est bien, madame Y ! S’il vous plaît, monsieur Z, je vais me faire > gronder par l’infirmière si vous ne mangez pas. La préposée insiste un peu avec sa cuillère. Les lèvres de M. Z se desserrent, il aspire un peu de crème de blé. S’étouffe, la recrache. La préposée en a plein ses lunettes.

Finalement, c’est madame Y qui a presque tout mangé. Et quand elle a été bien pleine, elle a déféqué. Hon ! Madame Y ! Venez, on va vous changer. Too much information? Vous préférez quand la caméra cachée surprend le préposé en train de traîner le petit vieux sur le plancher comme une poche de patates? Désolé, vous me confondez avec le Téléjournal ou avec une émission de radio qui sévit le midi.

Les épidémies, les rhumes, les petites contrariétés qui déclenchent des cataclysmes dans le quotidien des pas-tout-à-fait-déconnectés. Le fils chéri vient de téléphoner, il ne viendra pas samedi. Ou le contraire, il est venu et ça ne s’est pas bien passé. Les familles ! Faudrait faire aux familles le coup de la caméra cachée. Montrer les engueulades des enfants dans la chambre du vieux, les discussions d’argent. La paranoïa ambiante. Où est passé le haut de pyjama de mon père? On ne sait pas, madame. Votre père l’aura oublié dans une chambre

où il est entré en pensant que c’était la sienne. On le retrouvera. La violence des bénéficiaires. Coups de pieds, coups de poings aux préposés, insultes. Deuwwors ! crie la vieille à la préposée Noire qui vient d’entrer pour la laver : «Je ne veux pas d’esclave dans ma chambre.»

Le cul. Les vieux qui sortent leur truc. Qui laissent traîner leurs mains. La frénésie des vieilles à l’arrivée d’un nouveau.

La mort, quand ne c’est pas eux qui meurent mais un proche, un de leurs enfants, accident, cancer. Alors ils engueulent le bon Dieu. Pourquoi c’est pas moi que t’es venu chercher ?

Il y a plus de 100 000 vieux dans les CHSLD. Plus de la moitié totalement déconnectés, vertigineusement absents, ni passé, ni présent, incapables de reconnaître leurs propres enfants. Le regard vide, la couche pleine. Et ce dont on n’arrête pas de parler, c’est de quelques dérapages? Sans montrer d’abord la chiennerie de fin de vie dans laquelle s’inscrivent ces dérapages? Lâchez-moi avec votre dignité.

Est-il d’autre dignité, rendu là, que la mort? Mettons que, pour toutes sortes de raisons à la con, dont quelques-unes religieuses, vous me répondiez non, c’est pas ça, la dignité. La dignité, c’est d’essuyer avec un coin de serviette en papier la crème de blé qu’a régurgitée la vieille. La dignité, c’est de dégager avec son doigt l’anneau anal du vieux constipé.

OK, d’abord.

Reconnaissez au moins que ce n’est pas une job comme les autres. Que ce n’est pas une job normale. Reconnaissez que ceux et celles qui la font sont admirables. Pour moins de 400 piastres net par semaine, sacrement, les mains jusqu’aux coudes dans la merde de vos parents. Et vous les espionnez? Et vous les traitez de chiens sales? Vous n’avez pas honte?

Un appareil québécois pour aider les aquaculteurs du monde entier

L’entreprise XpertSea, de Québec, veut révolutionner l’industrie mondiale de l’aquaculture grâce à un appareil capable de compter les larves de poissons et de crustacés.

par Marc-André Sabourin



Photo : iStockphoto

L’entreprise XpertSea, de Québec, veut révolutionner l’industrie mondiale de l’aquaculture grâce à un appareil capable de compter les larves de poissons et de crustacés.



Encore aujourd’hui, les aquaculteurs se fient à leurs yeux pour s’assurer que la quantité de larves achetée correspond à celle reçue. Les plus zélés comptent une à une les créatures, qui ne mesurent que quelques millimètres!

Ce travail de moine, l’appareil de XpertSea l’accomplit presque instantanément en mesurant la déviation de la lumière par les organismes dans l’eau. Les données obtenues, dont la précision dépasse 95 %, permettent aussi d’optimiser la quantité de nourriture nécessaire à la croissance des alevins.

La première version de l’appareil, lancée en 2013, est déjà utilisée dans une vingtaine de pays, particulièrement en Asie. Plus de 350 aquaculteurs du monde entier attendent la sortie, en juillet, de la deuxième génération, qui permettra de suivre les taux de croissance et de survie des larves.

FAIM DE SOIRÉE

MENU 3 SERVICES :: 21h - 23h :: 25\$



4281, boul. Saint-Laurent ♥♥ Montréal ♥♥ 514 849.2070
portuscale.ca

nós cidadãos!



SOLIDARIEDADE

J Y M ARCHITECTURE

Services & Plans D'Architecture
Résidentiel • Rénovation • Commercial • Multiplex

Jean-Yves Mesquita T.P.
Technologue en Architecture
Cel. 514.972-9985 • @:info@jymarchitecture.com • www.jymarchitecture.com



ORDRE DES
TECHNOLOGUES PROFESSIONNELS
DU QUÉBEC



4244 boul. St-Laurent, Montréal, Qc. H2W1Z3
514-842-8077





PORTO CABRAL

Le soleil embouteillé



Há 600 anos : A conquista de Ceuta a 22 de Agosto de 1415.

Um exército de cerca de 19 000 a 20 000 cavaleiros e soldados portugueses, ingleses, galegos e biscainhos havia largado de Lisboa a 25 de Julho de 1415, embarcado em 212 navios de transporte e vasos de guerra (59 galés, 33 naus e 120 embarcações pequenas). Na expedição seguia a fina flor da aristocracia portuguesa do século XV, incluindo os príncipes Duarte (o herdeiro), Pedro, Duque de Coimbra e Henrique, Duque de Viseu, além do condestável Nuno Álvares Pereira.

Após uma escala em Lagos, fundearam diante de Ceuta a 21 de Agosto, tendo efectuado o desembarque sem encontrar resistência por parte dos Mouros. A guarnição da cidade de Ceuta correu a fechar as portas da cidade, mas as tropas portuguesas foram rápidas a impedir o estabelecimento de defesas adequadas.

Na manhã de 22 de Agosto, Ceuta estava em mãos portuguesas. Segundo Azurara, nessa altura, foi pedido a D. João Vasques de Almada que hasteasse a bandeira de Ceuta, que é idêntica à bandeira de Lisboa mas na qual foi acrescentado o brasão de armas do Reino de Portugal ao centro, símbolo que perdura até hoje.

Depois a mesquita foi consagrada e, na primeira missa lá realizada, os três príncipes da Ínclita geração presentes foram feitos cavaleiros pelo seu pai. Ceuta seria a primeira possessão portuguesa em África, estratégica para a exploração Atlântica que começava a ser efectuada.

A conquista foi recordada como:

“(...) Já passavam de sete horas e meia depois do meio dia, quando a cidade foi de todo livre dos mouros. (...) As outras Companhias [de soldados portugueses], não tinham maior cuidado doutra coisa que de apanharem o esbulho. (...) Muitos que se acercaram primeiramente naquelas lojas dos mercadores que estavam na rua direita, assim como entraram pelas portas sem nenhuma temperança nem resguardo, davam com suas facas nos sacos das especiarias, e esfarrapavam-nos todos, de forma que tudo lançavam pelo chão. E bem era para haver dor do estrago, que ali foi feito naquele dia. Que as especiarias eram muitas de grosso valor. E as ruas não menos jaziam cheias delas (...) as quais depois que foram calcadas pelos pés da multidão das gentes que por cima delas passavam, e de si com o fervor do sol que era grande, davam depois de si muy grande odor. (...)” (Crónica da Tomada de Ceuta, Gomes Eanes de Zurara, 1450.)

Deixando ficar o conde de Viana, D. Pedro de Meneses, o rei, os infantes e o resto da frota regressaram a Lisboa em Setembro, tendo permanecido durante treze dias em Ceuta.

Os marroquinos não se conformaram e atacaram a cidade duas vezes, em 1418 e em 1419, sem sucesso.

Manter a cidade constituía-se em um problema logístico: era necessário enviar suprimentos, armas e munições; a maior parte dos soldados era recrutada à força, recorrendo-se a condenados e criminosos a quem o rei comutava a pena desde que fossem para Ceuta e ainda recompensar generosamente os nobres que ocupavam postos de chefia. Julgaram consegui-lo, quando do desastre português de Tânger, pedindo como resgate do infante de D. Fernando a cidade de Ceuta.

Mas D. Fernando faleceu no cativeiro e a cidade continuou portuguesa (1443).

Ceuta teve que se aguentar sozinha, durante 43 anos, até que a posição da cidade ser consolidada com a tomada de Alcácer Seguer (1458), Arzila e Tânger (1471).

A cidade foi reconhecida como possessão portuguesa pelo Tratado de Alcáçovas (1479) e pelo Tratado de Tordesilhas (1494).

Quando da Dinastia Filipina, Ceuta manteve a administração portuguesa do Reino de Portugal, assim como Tânger e Mazagão. Todavia, quando da Restauração Portuguesa, não aclamou o Duque de Bragança, como rei de Portugal, mantendo-se espanhola. A situação foi oficializada em 1668 com a assinatura do Tratado de Lisboa entre os dois países, e que pôs fim à guerra da Restauração.



Estas são consideradas as principais razões da conquista de Ceuta:

- Geo-económicas: a posição geográfica de Ceuta permitiria controlar a entrada e saída dos navios vindos do Atlântico para o Mediterrâneo e vice-versa através do estreito de Gibraltar, de modo que a costa do Algarve parasse de ser atacada por piratas oriundos ou baseados na cidade muçulmana.
- Religiosas: havia um desejo de expansão da fé cristã através do incremento de territórios onde o cristianismo poderia ser implantado.
- Sociais: as classes mais abastadas tinham vários interesses nesta conquista. A nobreza buscava novas terras, honras e rendas; o clero desejava expandir a fé cristã; e a burguesia estava à procura de novos produtos e mercados.
- Económicas: Portugal sofria com a falta de diversos produtos como trigo, ouro, prata, e especiarias. A conquista de Ceuta significaria para o reino lusitano o controle sobre uma cidade em que afluíam os produtos orientais vindos da Índia pelas rotas caravaneiras que traziam ouro, especiarias, etc. Ressalte-se ainda que a cidade era uma zona fértil, apropriada para a produção de cereais.
- Políticas: o reino português procurava aumentar sua importância no quadro das monarquias ibéricas através do estabelecimento de Ceuta como o ponto mais oriental da reconquista cristã a ser feita por Portugal no norte da África.

15



*fr: je parle portugais...et vous ?
pt: eu falo português...e você ?*

Apprendre à parler rapidement le portugais avec des cours gratuits en ligne.

Méthode facile et ludique, avec mp3 et pdf à télécharger

www.loecsen.com/travel/0-fr-67-3-16-cours-gratuit-portugais.html



Cours portugais gratuit – Apprendre le portugais ...

www.loecsen.com/travel/0-fr-67-3-16-cours-gratuit-portugais.html

De como a diabetes afecta a fertilidade



(Da esquerda para a direita: Renata Tavares, João Ramalho-Santos, Paula Mota e Sandra Amaral)

Os níveis elevados de açúcar não têm efeito directo nos espermatozóides, mas poderão comprometer a produção de esperma, contribuindo assim para a infertilidade masculina, evidencia um estudo desenvolvido por uma equipa de investigadores do Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC) da Universidade de Coimbra (UC).

A investigadora do grupo de ‘Biologia da Reprodução e Células Estaminais’ do CNC acredita que *«este trabalho constitui um passo importante no esclarecimento dos mecanismos de acção da diabetes no sistema reprodutor masculino, permitindo delinear novas abordagens para estudos futuros.»*

A pesquisa realizou-se num sistema *in vitro*, possibilitando controlar e identificar todas as condições às quais os espermatozóides são expostos. O estudo é inovador por avaliar vários parâmetros de funcionalidade espermática que não são usualmente avaliados, mas que fornecem informação muito mais detalhada sobre esta célula tão particular.

Sandra Amaral nota que *«nas últimas décadas se tem assistido a um notório aumento do número de casos da diabetes em todo o mundo sendo que, actualmente, ultrapassa já um milhão de casos em Portugal, constituindo um número preocupante numa população com a dimensão da nossa.»*

A diabetes encontra-se já entre as principais causas de morte nos países desenvolvidos e tem efeitos prejudiciais em quase todos os sistemas de órgãos, não sendo o sistema reprodutivo uma excepção.

«Apesar de a diabetes ser uma doença multifactorial, existem várias indicações de que a hiperglicemia será o principal promotor das alterações promovidas pela doença. Contudo, não excluimos a possibilidade do envolvimento de outros factores, como o stress oxidativo ou processos inflamatórios que, conjuntamente com a hiperglicemia, poderão ter efeitos igualmente nefastos nos espermatozóides», observa.

Ogrão-chefeCoelhoéumgrandementiroso?

Brasilino Godinho

A pergunta posta em título e na interrogativa até terá algo de incongruência, uma vez que é relacionada com Pedro Passos Coelho que, segundo os meios geralmente bem desintoxicados, ostenta o troféu de ser o político português, de todos os tempos, mais vezes classificado *per capita* de mentiroso.

Se é essa a opinião prevalecente na actual conjuntura da sociedade portuguesa não vem ao caso eu ter de confirmá-la; nem me é conferida a ingloria missão de a desmentir. Simplesmente, ora constato a condição do governante, aqui posto em causa. Não me compete confirmar ou desmentir... Aliás, em crónicas anteriores tenho sido muito explícito a emitir a minha opinião sobre tão deplorável assunto pessoal e correlativa dimensão sociopolítica.

Mas o que hoje me traz à liça é tentar o esclarecimento da realidade coelhal. Ou seja: apresentar aos eleitores das próximas eleições legislativas uma versão pessoal que me adveio ao espírito quando li a notícia da TVi24, publicada no Facebook, da declaração de Pedro Passos Coelho, do seguinte teor: *“Fiz tudo para evitar a emigração e dar ao país o direito de sonhar.”* Esta declaração presta-se, de imediato, a que os cidadãos inquietados gritem em coro: **“Grande mentiroso!”**.

Pela minha parte, mais comedido e por uma vez, sem exemplo, dando ao chefe do governo o complacente benefício da dúvida, eu direi que Pedro Passos Coelho se confundiu, tropeçou nos conceitos, baralhou-se nas palavras e, eventualmente, acabou por se trair a si próprio.

Creio, firmemente que o primeiro-ministro pretendia dar verdadeira expressão verbal ao seu pensamento da seguinte forma: *“Fiz tudo para fomentar a emigração e dar aos portugueses o direito de não sonhar”*.

Convenhamos que nem custa acreditar que assim melhor se traduzia o seu propósito de esclarecer os portugueses. Com a vantagem de chamar à colação os portugueses e não o país. Visto que nem lembraria ao Diabo pôr o país a sonhar.

Talvez seja conveniente, chamar a atenção de Passos Coelho para tal disparate. O sonho é uma actividade mental que se manifesta nos seres humanos; nunca actividade de entidade abstracta como é um país.

E como tais confusões são constantes na pessoa de Pedro Passos Coelho não será de encarar a hipótese de Pedro Passos Coelho estar sofrendo de alguma patologia de que ainda nem se terá apercebido?

Aqui fica a chamada de atenção sobre um aspecto da personalidade do chefe do governo que tem sido ignorado na Comunicação Social. Esta mais inclinada para a contemplação das artificiosas mentiras da coelhal criatura que são facilmente demonstradas ou visíveis a olho nu.

Pobres inocentes

Por Octávio Ribeiro / CM

Pobres de nós, cidadãos inocentes. O Parlamento aprova mais uma lei sobre o enriquecimento à custa do empobrecimento do País. Cavaco envia para o Tribunal Constitucional (TC) por achar que o novo articulado viola quatro preceitos constitucionais. O TC decide, mais uma vez, que os cidadãos em geral, e os que ocupam cargos públicos, em particular, não devem ser penalmente forçados a justificar discrepâncias grosseiras entre o que declaram ter e a riqueza de que gozam. Entre os argumentos do TC, está sempre o princípio da presunção de inocência. Pobres de nós, cidadãos inocentes. Já nem nos indignamos com estes jogos de salão que nos tomam por parvos.

Enquête de l’UPAC chez Gérald Tremblay : quelle suite pour l’ex-maire de Montréal ?

Quand la police frappe à la porte d’un ancien maire dont le règne a été empoisonné par les scandales, l’heure est grave. C’est d’autant plus inquiétant qu’elle se présente avec un mandat de perquisition validé par un juge.

par Brian Myles

Quand la police frappe à la porte d’un ancien maire dont le règne a été empoisonné par les scandales, l’heure est grave. C’est d’autant plus inquiétant qu’elle se présente avec un mandat de perquisition validé par un juge.

Politique

Mercredi matin, une dizaine de policiers de l’Unité permanente anticorruption (UPAC) ont envahi la résidence de Gérald Tremblay, maire de Montréal de 2001 à 2012. Fidèle à son habitude, le maire s’est plaint à TVA d’être la victime d’«acharnement médiatique». Ce ne sont pourtant pas les journalistes, mais les juges qui autorisent les perquisitions, dans le respect des droits constitutionnels des citoyens.

Les enquêteurs ont dépassé l’étape des visites de courtoisie, visant à recueillir les déclarations volontaires de l’homme qui n’a rien vu, rien su de l’épidémie de corruption et de collusion autour de lui. D’ailleurs, Gérald Tremblay et son épouse étaient absents pendant que les policiers fouillaient dans les moindres recoins de sa résidence d’Outremont. Les enquêteurs ont également visité le chalet du couple.

Que cherchent-ils ? Des preuves documentaires pouvant potentiellement lier Gérald Tremblay au scandale du contrat des compteurs d’eau. L’enquête va en crescendo depuis un mois, avec une dizaine de perquisitions qui visent notamment le maire de Lachine, Claude Dauphin, et trois anciens ténors d’Union Montréal (Francine Sénécal, Cosmo Maciocia et Sammy Forcillo).

Tremblay bénéficie de la présomption d’innocence et n’a pas été arrêté. Lors de son témoignage à la commission Charbonneau, cet homme brisé a affirmé que des membres de sa garde rapprochée avaient trahi sa confiance.

Si l’on se fie aux documents judiciaires obtenus à ce jour par les médias, les enquêteurs s’intéressent aux fréquentations sociales de certains élus influents d’Union Montréal avec les entrepreneurs et les cabinets de génie-conseil qui ont obtenu le contrat d’installation des compteurs d’eau (Simard Beaudry et Dessau). Les policiers cherchent habituellement des photos de voyage, des cartes d’embarquement, des souvenirs, des passeports, des relevés bancaires, des agendas, etc.

Ces éléments pourraient être utiles pour faire la preuve que des politiciens municipaux et des hommes d’affaires étaient en relation étroite au moment de lancer les appels d’offres pour ce contrat de 356 millions. Si tel est le cas, il s’agirait d’une violation flagrante des règles. Les cabinets en compétition ne pouvaient pas communiquer avec les élus, sous peine d’être exclus de l’appel de propositions.

Le contrat a été résilié en 2009, en raison de nombreuses irrégularités, et la Ville de Montréal a fait une croix sur les compteurs d’eau. Selon la théorie de la police, l’ex-président du comité exécutif, Frank Zampino, aurait joué un rôle de premier plan pour répartir les contrats. Le projet du Faubourg Contrecoeur aurait été réservé à Paolo Catania (de l’entreprise F. Catania) et celui de compteurs d’eau à Simard Beaudry et Dessau, formant le consortium Génieau.

Frank Zampino, Paolo Catania et Bernard Trépanier, le collecteur d’Union Montréal, ont notamment été accusés de fraude dans le dossier du Faubourg Contrecoeur. L’enquête sur les compteurs d’eau tarde cependant à connaître son dénouement, près de six ans après le dépôt d’une plainte par l’ancien chef de Projet Montréal, Richard Bergeron.

Selon les policiers, Gérard Tremblay était «en position de pouvoir» lors de l’attribution du contrat des compteurs d’eau. D’entrée de jeu, l’appel d’offres aurait dû être lancé par le conseil d’agglomération. C’est plutôt le comité exécutif de la Ville qui a sous-traité la responsabilité au directeur général de la Ville, Robert Abdallah. Le maire aurait dû ouvrir l’œil, et le bon, lorsqu’on a lancé l’appel d’offres sur d’aussi mauvaises fondations.

Peu importe ce qu’il advient de Gérald Tremblay à l’issue de l’enquête, il portera la responsabilité morale de ne pas avoir mis le pied à terre lorsque les premières effluves du scandale ont empesté l’hôtel de ville.

Mis sous pression, Nétanyahou promet une « tolérance zéro » contre les extrémistes juifs

Manifestation à Jérusalem aux abords de la mosquée Al-Aqsa, dimanche 2 août pour dénoncer l’impunité des auteurs de l’incendie qui a provoqué la mort, vendredi, d’un bébé palestinien près de Naplouse.

Le gouvernement israélien, soumis à de fortes pressions, a annoncé dimanche 2 août des mesures punitives contre les extrémistes juifs après la mort de trois jeunes Palestiniens vendredi, dont un bébé, et une attaque au couteau contre six personnes participant à la gay pride de Jérusalem.

L’une des adolescentes poignardées jeudi, Shira Banki, une lycéenne âgée de 16 ans, est morte dimanche après avoir été admise à l’hôpital « *dans un état critique* ». Vendredi, un bébé de 18 mois, Ali Dawabcheh, était mort brûlé et ses parents et son frère avaient été grièvement blessés lors d’une attaque d’extrémistes juifs, qui avaient jeté des cocktails Molotov contre leur maison près de Naplouse en Cisjordanie.

Mise en détention administrative autorisée

De l’opposition israélienne à l’ONU, en passant par les Palestiniens, tous ont dénoncé l’attaque contre la famille Dawabcheh, un acte rendu possible par « *l’impunité* » dont jouissent selon différentes ONG les colons et autres activiste s d’extrême droite.

En outre, des rassemblements ont eu lieu samedi à travers Israël pour dénoncer l’attaque contre la gay pride. A Jérusalem, des heurts ont de nouveau opposé Palestiniens et policiers israéliens dimanche sur l’esplanade des Mosquées avant un retour au calme, après deux jours de protestations en Cisjordanie et à Jérusalem.

Face à cette situation, le premier ministre, Benyamin Nétanyahou, a promis la « *tolérance zéro* » contre les responsables des attaques, et son ministre de la défense, Moshé Yaalon, a autorisé la mise en détention administrative – c’est-à-dire sans charge et pour une durée illimitée – des terroristes à l’origine des attaques. Cette mesure, habituellement réservée aux Palestiniens, pourrait donner aux enquêteurs le temps de réunir les preuves nécessaires à un procès, expliquent les médias.

Mais trois jours après l’attaque contre la famille Dawabcheh, les auteurs sont toujours en fuite et les Palestiniens placent peu d’espoir dans le gouvernement israélien sur lequel les partisans de la colonisation et de la droite nationaliste et religieuse ont la haute main.

85,3 % des plaintes classées sans suite



Depuis des années, les extrémistes juifs agressent, sous le label du « *prix à payer* », des Palestiniens et des Arabes israéliens, et vandalisent des lieux de culte musulmans et chrétiens ou même l’armée israélienne. Les Palestiniens affirment avoir recensé « *11 000 attaques en dix ans* ». Selon l’ONG israélienne Yesh Din, 85,3 % des plaintes de Palestiniens contre des colons

sont classées sans suite.

Le président palestinien, Mahmoud Abbas, a d’ailleurs raillé vendredi les méthodes de l’armée israélienne. « *Elle les garde une heure pour une enquête, puis les relâche et ils peuvent reprendre leurs attaques.* » Ces attaques sont selon lui le « *résultat direct* » de la « *politique de colonisation menée par Israël* » qui a mené à l’installation d’environ 400 000 colons en Cisjordanie et 200 000 autres à Jérusalem-Est, occupée et annexée.

L’ex-président Shimon Pérès a dénoncé indirectement la responsabilité de M. Nétanyahou, lors d’un rassemblement samedi à Tel-Aviv. « *Celui qui incite à la haine contre les Arabes d’Israël, qu’il ne s’étonne pas lorsqu’on incendie des églises, des mosquées et qu’à la fin on brûle un bébé dans la nuit.* »

O fim-de-semana em que a Europa morreu

José Vítor Malheiros/P

A União Europeia são 28 e no fim obedece-se à Alemanha. O Eurogrupo são 19 e no fim e no princípio obedece-se à Alemanha.

Ao contrário do que por vezes dizemos, a União Europeia não é uma organização de estados, nem um conjunto de tratados, nem sequer um conjunto de territórios e de nações, nem sequer uma história comum. A União Europeia é uma ideia. Um sonho de um certo futuro. Um sonho simultaneamente generoso e ambicioso, um sonho feliz como são os sonhos que sonhamos para os nossos filhos. E foi em nome dessa ideia, desse sonho comum de um futuro justo e próspero, que todos estes países, todas estas nações com tradições e línguas diferentes, com um passado carregado de guerras entre si, deram os difíceis passos de construção desta entidade que foi preciso inventar, a que chamamos hoje União Europeia, e que gostámos de imaginar que poderia representar as mais belas tradições da Europa, esconjurar os terríveis demónios do nosso continente e ser um farol para o resto do mundo.

Este sonho de uma Europa que seria a casa natural da democracia, um clube de democracias, uma associação de estados diversos mas solidários e iguais em direitos, regido pela equidade, pela justiça, pela liberdade, pela razão e pela cultura, pela defesa dos direitos humanos e pelo amor da paz, cosmopolita e aberto ao mundo, pátria de acolhimento dos que procuram a justiça e o progresso, fonte de entendimento nas relações internacionais, exemplo de um desenvolvimento harmonioso e respeitador das pessoas e da natureza, morreu este fim-de-semana em Bruxelas. A Europa, tal como a sonhámos, é morta.

O velório vai ser longo e doloroso e espera-se apenas que o enterro, ainda sem data marcada, ocorra antes de o cadáver entrar em decomposição. Mas o cheiro, que até agora tem sido disfarçado com perfumes, vai rapidamente tornar-se insuportável para o nariz de qualquer democrata.

Uma ideia é uma coisa poderosa, capaz de mudar o mundo e de mobilizar milhões. Mas é também frágil. E a ideia da Europa não resistiu a uma noite de “waterboarding mental” como aquela a que foi submetido o primeiro-ministro grego, depois de um fim-de-semana de chantagem, de mentiras espalhadas por poderosas máquinas de propaganda (“A Grécia quer viver à custa dos contribuintes europeus”) e de um permanente destilar de ódio contra Atenas.

O ataque à Grécia está ainda em curso e o seu desenlace ainda não se conhece mas, seja qual for a sua evolução, ele já destruiu a Europa.

Teria sido mais honesto se Angela Merkel e Wolfgang Schäuble tivessem enviado os tanques alemães invadir a praça Syntagma e tornar a pilhar abertamente a Grécia como o fizeram as tropas nazis há setenta anos. Mas o que a Alemanha e os seus cúmplices fizeram tem menos riscos e é mais lucrativo. A guerra de hoje ganha-se com “banks instead of tanks”.

O que a Alemanha fez, sob a direcção de Schäuble, a aquiescência de Merkel, a cumplicidade gananciosa de meia dúzia de países e a assistência de uns quantos servos solícitos como Passos Coelho e a hesitação de uns políticos medrosos, como Hollande e Renzi, foi a ocupação da Grécia e a substituição do que restava de democracia por uma ditadura financeira. Não foi uma ocupação militar, mas foi uma ocupação, que roubou a Grécia da réstia de soberania que lhe sobrava.

A União Europeia passou de “clube das democracias” a uma ditadura financeira - assim, sem aspas - executada pela Alemanha e que não tolera o mínimo desvio aos seus ditames. As democracias podem fazer eleições e escolher governos desde que estes façam exactamente o que Berlim e a banca internacional ditam. E, se não o fizerem, arrepender-se-ão amargamente.

Que a austeridade não funciona para resolver os problemas que diz resolver (dívida, crescimento, emprego, competitividade) todos o sabem. Por que razão então a imposição deste “catálogo de atrocidades”, como ontem a revista alemã Der Spiegel chamava às imposições feitas à Grécia? Para dar o exemplo. Para castigar o país que ousou pensar em soberania. Para humilhar o país que ousou convocar um referendo que desafiava Bruxelas e Berlim. Para dobrar a espinha do partido que ousou exigir as reparações de guerra devidas pela Alemanha. Para garantir que nenhum dos países devedores tem veleidades de independência e estraga as contas da Alemanha, a quem convém que haja países endividados que não só lhe pagam juros todos os trimestres, como importam automóveis e submarinos alemães aumentando as suas dívidas, como ainda afugentam dos seus países os investimentos que acabam por cair no colo de Berlim.

A austeridade não é um remédio amargo que a Grécia não quer tomar. É uma invasão de um país por meios não militares, uma usurpação da democracia, uma substituição de governos democráticos e uma forma de eternizar a submissão política dos países. A austeridade é o novo colonialismo. E a União Europeia tornou-se a sua ponta de lança.

Outra lição que este ataque à Grécia nos oferece é que o desejo de hegemonia da Alemanha não é uma fantasia de paranóicos empenhados em desenterrar fantasmas desaparecidos há muito. A Alemanha não esconde aliás essa veleidade. As propostas de Schäuble (como o sequestro de 50 mil milhões de euros de bens, que a Grécia só poderá reaver se pagar um resgate, como nos raptos) acabaram todas por surgir nos documentos, mesmo quando todos pareciam achá-las excessivas.

A assimilação da Europa começa a ser denunciada. Porquê só agora? Portanto a intenção era clara como água de nascente. Há muito tempo.

A imprensa nacional saiu da letargia?

Como conter o poder alemão? Hollande quer um “governo económico”

Teresa de Sousa/P

Presidente francês também defende a criação de um Parlamento autónomo para os países do euro.

Como é possível evitar no futuro aquilo que se passou no último fim-de-semana, em Bruxelas, em torno do destino da Grécia? A Europa deu dela própria uma imagem muito pouco edificante. Chegar a um compromisso obrigou a 17 horas de trabalho e a confrontos por vezes violentos

A cimeira dos líderes da zona euro salvou a Grécia, mas as dificuldades persistem e os actores principais não tencionam abandonar facilmente as suas posições de partida. Wolfgang Schaeuble insiste em ter razão quanto ao Grexit. Em Atenas, o sapo parece demasiado grande para que o Syriza o consiga engolir.

Em Paris, François Hollande apresentou aos franceses um balanço positivo do papel da França para salvar Atenas mas foi mais longe. Na entrevista que deu no dia nacional da França (14 de Julho) abriu as portas para uma reforma da governação da zona euro que ajude a diluir o poder de um só país. Retomou uma velha ideia francesa, a necessidade de criar um “governo económico” capaz de contrabalançar a outra face da União Económica e Monetária (UEM), e que aja em função da convergência real das economias que partilham a mesma moeda. A necessidade de reformar a governação da zona euro tem estado em cima da mesa. Há já um documento, chamado dos “cinco presidentes” (Comissão, BCE, Conselho Europeu, Eurogrupo e Parlamento Europeu), que foi entregue aos líderes na cimeira de 25 e 26 de Junho, mas ao qual ninguém prestou grande atenção. A Grécia, que já estava a arder, e a pouca vontade alemã acabaram por retirar-lhe importância. O próprio relatório já tinha sido devidamente expurgado de alguns aspectos que os alemães recusam, por exemplo, a ideia de um orçamento próprio da zona euro para acorrer a choques assimétricos ou crises de outra natureza que afectem um ou mais países, ou a conclusão rápida da união bancária com o seu terceiro pilar, referente à garantia comum de depósitos. Berlim continua a não querer ouvir falar de uma “união de transferências”, que incluía a partilha de responsabilidades e de riscos. A França, como a Comissão e o PE, ou países que foram mais causticados pela crise (como Portugal) defendem um reforço dos mecanismos comuns que gerem a UEM, alegando que perderam os instrumentos nacionais para acorrer a situações de crise, ao abdicarem da moeda. O próprio relatório dos presidentes lembra que, mais tarde ou mais cedo, o orçamento próprio da zona euro será o “desenvolvimento natural da UEM”, lembrando que todas as uniões monetárias maduras dispõem de um.

Hollande veio agora defender um “governo económico”, indispensável a partir do momento em que os países do euro perderam a favor de Bruxelas boa parte da sua política económica, incluindo as reformas estruturais. A concepção francesa vai um pouco mais longe em matéria institucional, defendendo também a criação de um Parlamento autónomo para os países do euro, levando a separação entre os dois níveis de integração ainda mais longe. Esta foi sempre a ideia da França. Por um lado, quer que sejam os governos (e não a Comissão) a gerir a UEM. Por outro, a ideia de um núcleo duro com um grau elevado de autonomia institucional, mas que tem a oposição dos países que ficam de fora.

A chanceler não vai tão longe. Berlim considera que o Eurogrupo desempenha as funções deste “governo económico” e recusa qualquer ideia de orçamento próprio. Vale a pena recordar que a Alemanha, foi, até à crise do euro o maior defensor, entre os “grandes”, de uma união política europeia, assente no reforço das instituições (e não dos governos). O Tratado Constitucional, cuja negociação foi lançada por Berlim em 2000, foi a sua derradeira tentativa para avançar nesse sentido. A França e a Holanda encarregaram-se de rejeitar em referendo a nova Constituição, abrindo as portas para o Tratado de Lisboa, de natureza muito mais intergovernamental, com o poder centrado cada vez mais no Conselho Europeu. A crise foi a derradeira gota de água para Berlim passar a ver as coisas de outra maneira e recriar uma união monetária muito mais alemã. É o que está a fazer. É neste impasse que a Europa se encontra. Mais tarde ou mais cedo, a Europa tem de voltar a este debate. François Hollande já prometeu uma proposta que traduza a visão da França. Que não é, nem nunca foi, favorável ao reforço do poder da Comissão (é hoje um assunto arrumado e dificilmente recuperado), mas precisa de um quadro institucional que enquadre o poder excessivo da Alemanha.

Bago Vermelho: Da riqueza à miragem no Golungo Alto

David Filipe

O café como produto de geração de trabalho e riqueza está a desaparecer paulatinamente no município de Golungo Alto, província do Kwanza Norte, onde os produtores vão derrubando cafeeiros e substituindo-o por outras culturas. Os três hectares de café servem apenas de lembrança para a geração do camponês Almeida José da comuna de Quilombo-Kia-Puto, no município de Golungo Alto, província de Kwanza Norte.

A fazenda de 20 hectares com a plantação do café foi substituída por outras culturas de rápido rendimento, nomeadamente, mandioca, feijão, bananeira (...) milho e abacaxi. *“A cultura do café marcou a história de quase todo o nosso município no tempo colonial. Hoje ninguém fala desta riqueza que desenvolveu Angola”,* lamenta.

O camponês lembra ainda a constituição de algumas cooperativas de serviços que comercializavam e descascavam café com melhores preços, o acesso a empréstimos do Instituto de Crédito de Angola e a construção de chafarizes abastecidos em água pela força da gravidade foram alguns dos indicadores que mudaram o município *“Muitos agricultores chegaram a produzir mais de 20 toneladas de café comercial e a ter 50 trabalhadores permanentes”,* recordou. *“Tenho à minha disposição apenas três hectares de café para mostrar aos meus netos, bisnetos e outros da minha geração, de que o café foi uma riqueza que desenvolveu Angola”,* lamenta. A produção de café, por parte do sector familiar, perdeu importância progressiva devido ao baixo preço oficial, pela ausência de mercados e ainda pelos efeitos da guerra civil.

O fazendeiro António Quiombo, na localidade de Kimbulo já compreende porque trabalha tão duro e ganha tão pouco. *“É uma calamidade. Eu produzo um bom café mas não há recompensa. O preço é sempre baixo. Não vale a pena continuarmos”,* disse Quiombo desesperado. Quiombo e outros produtores no município estão enfrentar um período problemático, com a queda do preço do café no mercado nacional e internacional. Na fazenda de Ramos Pedro na comuna de Cambondo, já não tem sequer uma planta de café.

“Derrubei todos os cafeeiros e agora tenho na fazenda outros produtos”, argumentou, lamentando este cenário. O município do Golungo Alto, tido na altura como o maior produtor de café na província, era então detentor de 40 máquinas de descasque, apresentava uma cifra de 13.343 toneladas no ramo empresarial e 8.567 no sector tradicional. *“A falta de incentivos económicos é a maior dificuldade que enfrentamos para a dinamização do sector do café no nosso município”,* queixa-se Armando Zua da localidade de Caluia.

O produtor alega que a produção de café exige recursos financeiros avultados para garantir uma boa colheita. *“Optamos agora por produzir o nosso milho, mandioca, feijão, (...) batata, banana e abacaxi. São produtos que nos dão algum dinheiro a qualquer hora”,* acrescentou o agricultor. De acordo com mesmo agricultor o *“café como produto de geração de trabalho e riqueza desapareceu na região”. “Praticamente já desapareceu. O café tornou-se um produto inexistente”,* lamentou.

O técnico agrónomo Salviano Neto contactado pelo Novo Jornal para comentar a situação disse que *“a cadeia produtiva do café em Angola caracteriza-se, na fase actual, por um ambiente de recuperação ténue das plantações e de toda a cadeia produtiva que depois de anos de abandono, necessita de investimentos a todos os níveis da fileira”.*

“Por ser o café uma cultura perene, exigente quanto à imobilização de activos (especialmente maquinaria e equipamentos de beneficiamento) e com início da fase produtiva apenas de três a quatro anos após o plantio, o processo de recuperação produtiva é, muitas vezes, longo”, esclareceu. Para o agrónomo as

antigas plantações de café, hoje abandonadas, possuem um ambiente propício para a revitalização da produção de café.

“É nestas terras hoje improdutivas, que se produziu o café que projectou Angola como 3º produtor mundial de café, num passado não muito distante”, frisou. Lamentou que *“a grande maioria dos produtores, inclusive boa parte dos médios e grandes produtores, não disponham de sistemas estruturados de controlo de custos de produção”.*

“Com o devido apoio do Estado, é preciso dotar a sua estrutura produtiva de condições e recursos necessários para a concepção e implementação dos programas elaborados, visando a recuperação do potencial produtivo, através de um plano director que contemple as acções estratégicas, com metas e indicadores de desempenho”, aconselhou.

Organização precisa-se A respeito da produção do café no município, o administrador do Golungo Alto, Cirilo Matias Mateus, destacou a necessidade dos produtores estarem organizados. *“Uma vez organizados”* diz o administrador- *“os cafeicultores terão mais acesso a créditos e outros incentivos à actividade, visando aumentar a produção e assim poderem contribuir para desenvolvimento da cafeicultura no município e na província”.*



“A produção do café teve um declínio nos últimos tempos por motivos de vária ordem, mas acredito que se organizarmos os produtores podemos relançar a produção do mesmo e aumentar a economia da região”, realçou. O Novo Jornal apurou que os cafeicultores da província têm sido contemplados com alguns financiamentos através do Programa Angola Investe, visando o incentivo da actividade, mas para agilizar o processo os mesmos precisam estar organizados.

Estão controlados no município do Golungo Alto 275 cafeicultores, dos quais apenas 133 estão em actividade. Na campanha de 2013/2014 foram colhidas 510 toneladas de café mabuba na região, perspectivando-se para a presente época 2014/2015 uma safra de 600 toneladas.

Produção actual

Segundo dados do governo angolano, da baixa contínua do preço do café em 2014, a produção do bago vermelho atingiu uma safra de 1.800 toneladas de café cereja (ainda com casca), um incremento de 300 toneladas em relação ao ano de 2013. Da quantidade colhida em 2014, apenas 142 toneladas foram comercializadas, por falta de mercado, estando cerca de 758 toneladas ainda na posse dos produtores por dificuldades de escoamento.

Cont. pag. 20



PORTO CABRAL

Le soleil embouteillé



O que o Governo pensa

Dada a importância do café no desenvolvimento do país e na obtenção de receitas para a diversificação da economia, o Executivo angolano traçou um plano estratégico para o aumento da produção de café e a revitalização da indústria cafeícola com vista a torná-la atractiva e rentável. Esta estratégia passa pela implementação de programas específicos, nomeadamente a recuperação e desenvolvimento do sector, fortalecimento da classe empresarial e a melhoria das condições de vida das comunidades rurais.

Este programa pretende apoiar até 2017 cerca de 678.797 explorações agrícola familiares, 12 mil explorações agrícolas empresariais, uma área de 929.699 hectares, nos quais se prevê uma produção de 158 mil e 53 toneladas de café comercial.

Até 2017, prevê-se a produção de 33 mil toneladas e 31 quilos de sementes de qualidade, 100 mil mudas, instalação de um milhão, 210 mil e 486 viveiros e 66 mil e 967 novas plantações. O programa de industrialização do café vai possibilitar a criação de condições para que até 2017, cerca de 49 por cento do café produzido no país seja torrado e moído localmente, criando empregos nas regiões produtoras e aumentando a renda e o bem-estar das populações rurais com a agregação de valor ao produto acabado para a exploração.

Educação

O administrador municipal do Golungo Alto, Cirilo Matias Mateus, disse que neste ano lectivo o sector da educação conta com mais de nove mil alunos matriculados em diferentes subsistemas de ensino, assegurados por 252 professores. Cento e quarenta e quatro salas de aulas estão disponíveis na municipalidade neste ano lectivo. *“O município tem 38 escolas e já tem formados de 100 técnicos médios. Precisam 100 professores para todos os níveis”*, acrescentou. No ano transacto o sector da educação tinha matriculado 8.629 alunos da iniciação a 12ª classe, com 7.203 aprovados, 845 reprovados e 581 desistentes. Por outro lado, acrescentou que 3.786 cidadãos frequentam actualmente o programa da alfabetização e recuperação do atraso escolar. O programa de alfabetização no Golungo-Alto regista uma maior aderência de mulheres, com 2.329 matriculadas.

Saúde

As autoridades deste município têm reforçado medidas do saneamento básico e na prevenção e combate à malária na região. O município é endémico e por isso, as autoridades estão preocupadas com o aumento de casos de malária. Os habitantes locais consideraram de alarmante os índices de malária na circunscrição pelo que recomendaram à administração municipal, sociedade civil e igrejas o redobrar de esforços na promoção de campanhas de sensibilização às comunidades, orientando-as a manterem limpas as suas áreas de residência. O hospital municipal ampliado e reabilitado é um exemplo. Tem capacidade para internar 70 pacientes e a maternidade, 20 parturientes. Pelo menos 30 novos técnicos de saúde, entre enfermeiros e médicos são necessários, para assegurar o normal funcionamento do sector, no município do Golungo Alto, província do Kwanza Norte.

De acordo com o administrador municipal, a disponibilidade de mais técnicos aproximaria os serviços de saúde às comunidades, tendo em conta a expansão da rede sanitária.

“A circunscrição possui 11 unidades sanitárias asseguradas por 40 enfermeiros, dos quais 13 técnicos médios e 27 básicos e quatro médicos”, salientando que o número insuficiente para atender a demanda da população que procura diariamente àqueles serviços.

Outros benefícios

O município dispõe agora de dois sistemas de captação, tratamento e distribuição de água nas sedes comunais de Cambondo e e Quiluanje. As localidades de Cabinda, Caluia, Gungo e Kimbulo também têm sistemas, embora de menores dimensões, e dois furos artesanais nos bairros Beta e Morro da Bomba, além de 29 chafarizes, que servem cerca de 18 mil habitantes. A sede do Golungo Alto conta, desde Novembro de 2012, com uma linha de média tensão, com 20 postos de transformação, a partir da cidade de Ndalatando, para servir cerca de 25 mil habitantes. A reabilitação das estradas permite ligar o Golungo Alto a várias comunas e municípios, frisou Cirilo Matias, que mencionou a asfaltagem nas vias entre Ndalatando e Cambondo/Golungo Alto, Maria Teresa/ Caxilo, Camuaxi/Cabinda/ Golungo-Alto e Golungo Alto/ Kiluanje/Andulo e, proximamente, Golungo-Alto/Camame/ Banga.

A história do município

Golungo Alto tem 1 989 quilómetros quadrados e cerca de 70 mil habitantes.

É limitado a norte pelo município de Pango Aluquém, a Este pelos municípios de Gonguembo e Lucala, a Sul pelo município de Cazengo, e a Oeste pelo município de Cambambe. É constituído por três comunas.

O nome Golungo Alto deriva de um animal que é abundante neste município e que ali terá sido exclusivamente caçado com sucesso. Trata-se de uma espécie animal diferente do veado e da seixa que em Kimbundu se chama Ngulungu. Nada tem a ver com o porco, pois, ngulu quer dizer porco.

À semelhança dos nomes Ngulu e Ngulungu, segundo lendas locais, o povo alimentava-se muito da carne de porco de que eram grandes criadores, e a certa altura houve um surto de peste na região que quase eliminou a espécie toda. Depois um animal selvagem e feroz roubava os poucos porcos que sobravam e levava-os para a mata para os devorar. Estando o povo na carência de carne, os caçadores resolveram ir à procura dos porcos e passaram meses sem os conseguir encontrar.

No final do ano, prestes a começarem as festas de Natal, apanharam um animal selvagem desconhecido, semelhante ao veado e à seixa mas com uma carne mais saborosa que a do porco. Então resolveram caçar em grandes quantidades e levaram-nos às festas populares de modo que todos saborearam e gostaram. *“E em lembranças e recompensas aos porcos elevaram este animal como símbolo e prato típico do Município, chamando-o consensualmente Ngulungu, o que traduz a ideia de porco raro, especial”*. Quanto a palavra Alto, é simplesmente devido às belas montanhas que abundam no município.

Admirados ficaram os colonos que viram que este povo em quase todas as regiões consegue e prefere construir e viver no Alto das montanhas, saboreando a água das nascentes e deleitando-se com a frescura dos ventos. Escalam montanhas para poderem visitar-se, ir ao rio ou aos campos, com muita eficiência. Daí o nome Ngulungu Alto ou Golungo Alto.



Polícia angolana carregou sobre manifestantes em Luanda (...)

João Manuel Rocha

Rádio ligada à oposição foi cercada em Luanda, antes da manifestação de solidariedade com activistas detidos. Em Lisboa, gritou-se **“Basta”**.

Em Lisboa, uma centena e meia de pessoas juntou-se em solidariedade com os detidos em Angola, *Daniel Rocha* A polícia angolana carregou com cães sobre algumas dezenas de manifestantes que, esta quarta-feira à tarde, protestaram em Luanda contra a detenção de activistas. O site informativo Rede Angola noticiou que várias pessoas ficaram feridas e foram feitas detenções. Ao princípio da noite, não havia dados concretos sobre o número de envolvidos.

Os manifestantes pretendiam dirigir-se à zona central do Largo da Independência, para onde o protesto foi convocado, e conseguiram a certa altura *“furar”* o dispositivo policial, segundo a Rede Angola. Mas foram perseguidos, de acordo com o site e outros órgãos de informação, incluindo a Agência Lusa e a rádio francesa RFI. Os jornalistas que cobriam o protesto foram expulsos do local.

Ainda antes do episódio que marcou o protesto de Luanda, Adolfo Campos, um dos activistas anti-regime, disse que tinham já sido detidos 17 jovens no município de Viana, na capital. Esses detidos estariam ligados à organização da manifestação da tarde. (...)